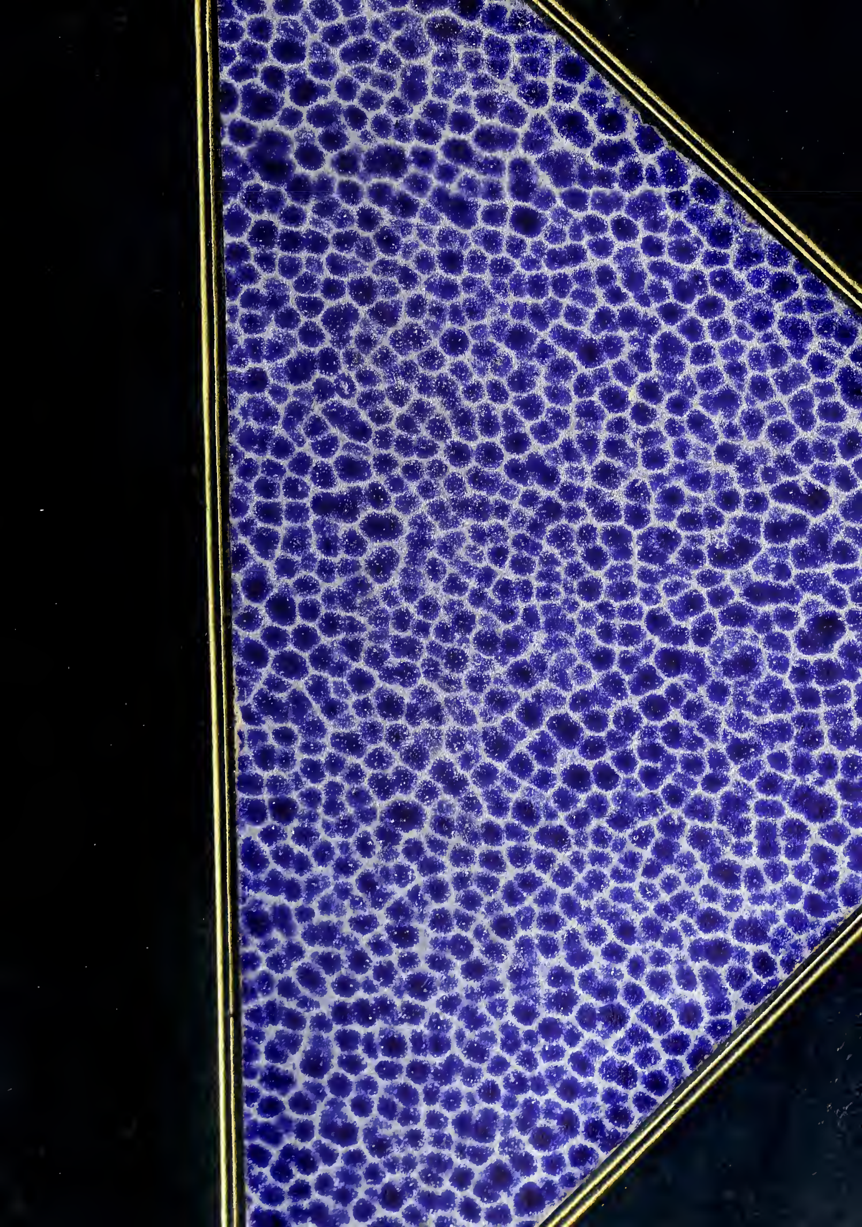






GUIA DE COIMBRA

POR EUGENIO DE CASTRO



F. FRANÇA AMADO. EDITOR.

GUIA

DE

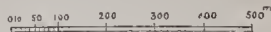
COIMBRA

Typographia França Amado — Coimbra.



COIMBRA

1: 13:333



A B C D E F G H

S.t Ant.o dos Olivaes
Cellas
Estrada da Carreira
Claros
Montes
Rua de Montarroio
Matadoiro
Bairro Operario
Quinta de S.ta Cruz
R. Anthero de Quental
R. A. Garret
Penitenciaria
S. Theresa
Penedo da Saudade
Quartel
Jardim Botanico
Lyceu
Ursulinas
Seminario
Arganil
Arregaça
Cemiterio
S.ta Justa
Carmo
Rua da Sophia
Rua Direita
Mercado
Correio
S.ta Cruz
Inquisição
Hospital
Largo do Castello
Sé Nova
Museu
Sé Velha
Universidade
Largo M. Pombal
Largo M. Bombarda
Couraça de Lisboa
Rua da Alegria
Estrada da Beira
Caminho
Choupal
Rio Mondego
S.ta Clara (velha)
Estrada municipal
Estrada districtal n.º 113
S. Francisco
Convento de S.ta Clara
Q.ta das Lagrimas

1 2 3 4 5 6 7 8 9

GUIA
DE
COIMBRA

POR

EUGENIO DE CASTRO

PUBLICAÇÃO OFFICIAL

DA

SOCIEDADE DE DEFESA E PROPAGANDA DE COIMBRA



F. FRANÇA AMADO — EDITOR

COIMBRA



Coimbra.

COIMBRA é como certas mulheres que depois de haverem soffrido os maiores ultrajes do tempo e do destino, conservam ainda na decrepitude eloquentes signaes da belleza que tiveram em moças.

Ao passo que, nos outros paizes da Europa e até na visinha Hespanha, injustamente classificada de barbara, a modernisação das povoações historicas se tem feito assisadamente, abrindo-se novos bairros de ruas amplas e arejadas, mas conservando-se com respeito a parte antiga nos seus elementos monumentaes e pittorescos, em Portugal, pelo contrario, a falta de cultura artistica, a decadencia da aristocracia, o desdem pela tradição e a incompetencia da maior parte das edilidades, descaracterisaram por completo as cidades,

arrasando ou deixando cahir desalmadamente castellos e muralhas, templos e solares, duplamente interessantes e veneraveis, pelo que valiam como obras d'arte e pelas nobres coisas que do passado nos diziam.

De todas as cidades portuguêsas victimadas pelos elementos devastadores acima apontados, nenhuma como Coimbra padeceu tantas e tão grandes injurias.

Côrte de quasi todos os reis da primeira dynastia, e residencia, durante seculos, de muitas familias da primeira nobreza, que é feito da sua alcaçova real e dos seus paços senhoreaes? Exceptuando a casa de Sub-Ripas, a dos Mellos, na rua do Norte, e o Paço episcopal, nenhuma construcção apalaçada antiga se vê hoje onde tantas se ergueram outr'ora, como nos dizem os velhos documentos e tradicções e o nome de *Palacios confusos*, que designa ao

presente um modesto bairro quasi formado só de casebres, mas que evocadoramente nos deixa avistar entre a bruma dos tempos mortos uma faustosa agglumeração de empenas brasonadas, de torres com ameias, de balcões de cunhal, e de porticos a cujas balaustradas se encostavam, seguindo o curso do Mondego, em mansas tardes de outomno, altivos cavalleiros com seus gibões golpeados e finas damas vestidas de lhama d'oiro.

A linda egreja romanica de S. Christovam foi monstruosamente destruida em 1857, para no seu logar se erguer um theatro de mesquinha construcção, que por sua vez desappareceu, achando-se actualmente substituido por outro deante do qual nos vem á lembrança o velho rifão: *atraz de mim virá...*

A egreja, tambem romanica, de S. Thiago começou no seculo XVII a soffrer offensas rudes

que se foram multiplicando sem pausa até 1858, anno em que lhe cortaram enviuzadamente a abside, para alargamento da rua do Coruche, hoje rua do visconde da Luz.

No sitio onde antigamente se erguia o collegio do Carmo, começado a construir em 1542 pelo arcebispo D. Balthazar Limpo, está hoje um casarão incaracteristico, o hospital da Ordem Terceira da Penitencia.

O vasto mosteiro de Sant'Anna, fundado nos começos do seculo XVII pelo Bispo-Conde, D. Affonso de Castello Branco, e em cuja fachada principal se admiravam duas portas de grande imponencia constructiva e de exhuberante riqueza ornamental, é hoje uma caserna de banalissima architectura.

O collegio de Thomar, da ordem de Christo, fundação de D. João III, foi vendido, como costuma dizer-se, pelo cabo d'uma navalha velha,

em 1852, e finalmente demolido para ahi se edificar a Penitenciaria, construcção tão sinistra pelo fim a que se destina como antipathica pela fria brutalidade do seu aspecto.

A parte inferior da rua do Quebra-Costas que ainda ha vinte annos, tinha um ar tão apreciavel de ruela medieval, com as suas casas de janellas rotuladas e os seus andares de resalto, é presentemente uma larga ladeira insipida, ao mesmo tempo fatigante para as pernas e para os olhos.

Mas paremos. Não é nosso intento fazer uma resenha minuciosa e completa de todos os crimes de lesa-arte e de lesa-historia perpretados em Coimbra, o que nos levaria muito longe. O que atraz fica basta já para se ver que o muito que n'esta cidade existe digno de admiração é bem pouco relativamente ás riquezas que ella possuiu n'outras eras.

O que resta, e de que daremos succinta mas verdadeira noticia n'esta *Guia*, pode ainda proporcionar aos espiritos delicados alguns dias de elevada delicia.

Os amadores de bellas-artes farão aqui vasta colheita de inolvidaveis impressões e de fundas emoções artisticas. Os evocadores do passado aqui encontrarão, palpitantes de vida, no theatro das suas façanhas, dos seus amores ou do seu recolhimento, algumas das mais bellas figuras da historia portuguêsa: D. Affonso Henriques e Martim de Freitas, um vestido de Conego Regrante e resando o officio de *Vesperas* no côro de Santa Cruz, o segundo guardando fielmente o castello da cidade; Ignez de Castro e D. Maria Telles despedindo-se da vida que lhes foge pelos alvos seios apunhalados; D. Diniz e a Rainha Santa no momento sobrenatural do milagre das rosas; o Mestre de Aviz acclamado

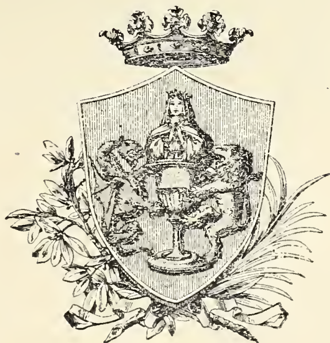
como rei no Paço das Alcaçovas depois do célebre discurso do Doutor João das Regras; Camões e Antonio Ferreira, olhando embevecidamente as aguas verdes do Mondego; o Padre Antonio Vieira meditando nas sombras da recatada e silenciosa quinta de Villa Franca...

E para repouso espiritual dos que se cançaram a admirar monumentos ou a reviver dias mortos, offerece ainda a hospitaleira Coimbra o saboroso regalo da sua incomparavel paisagem, que — ouçam bem! — deve ser vista na doçura do entardecer, sob a pulverescencia do luar de agosto, ou ainda em certas manhãs crystallinas e loiras, de inverno, quando a serra do Espinhal tem o recorte e o azul translucido dos montes que os primitivos italianos pintavam, como baluartes de saphira, no fundo dos seus quadros.

Paisagem feminina, pela ondulação musical dos seus cômoros e oiteiros e pelo seu mysterioso poder dispersivo, todo o portuguez que a vir sentirá que está aqui o coração de Portugal, que é este o sitio onde affluem n'uma palpitação suprema, e se transformam n'uma doce perspectiva d'aguas saudosas e de arvoredos resignados, os mais ternos e caracteristicos sentimentos da alma lusitana.

Brasão de Coimbra

A primitiva Coimbra teve o seu assento em Condeixa-a-Velha, sendo senhor d'ella o rei dos suevos, Hermenerico, quando Ataces, rei dos alanos, a destruiu quasi por completo, vindo depois fundar uma nova cidade com o mesmo nome na margem direita do Mondego.



Andava Ataces dirigindo a edificação d'essa nova Coimbra, e eis que subitamente appareceu o rei dos suevos com o proposito de

se desforrar das perdas e humilhações soffridas. Travou-se rija batalha entre alanos e suevos, ficando estes desbaratados. Para alcançar a paz, diz a lenda, o monarcha vencido offereceu ao vencedor a mão de sua filha, a bella princeza Cindasunda. A breve trecho se realisou o casamento, com a magnificencia devida á qualidade dos noivos; e, para o commemorar, concedeu Ataces á cidade de Coimbra o brasão seguinte: em campo de vermelho uma donzella coroada (Cindasunda) saindo d'uma copa d'oiro, tendo á esquerda um dragão verde (Hermenerico), e á direita um leão d'oiro rompente (Ataces).



Egreja de Santa Cruz. Fachada.

Egreja de S. Cruz

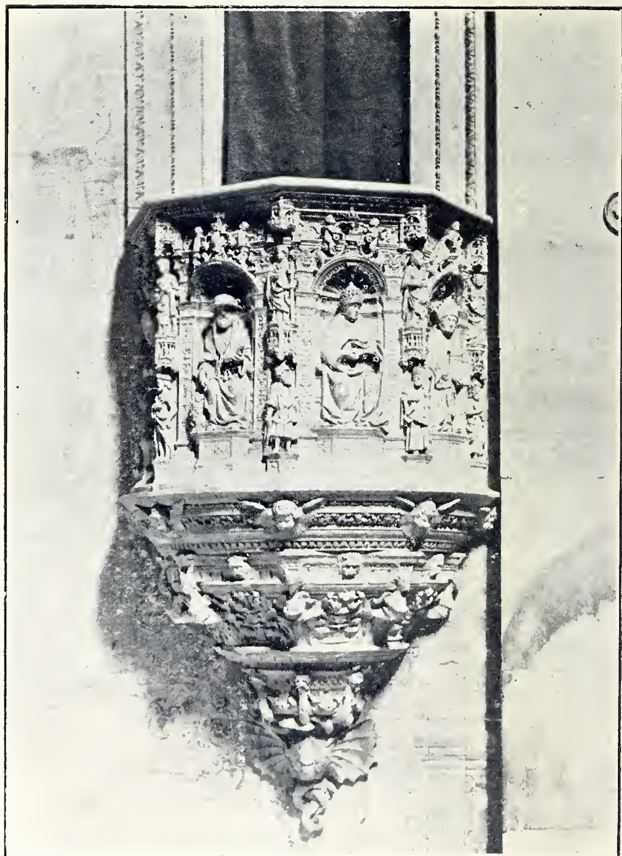
Egreja de S. Cruz (6 D). — Actualmente nada resta do primitivo mosteiro de S. Cruz, fundado, como diz a chronica, em 1131 pelo arcediago D. Tello com o auxilio d'el-rei D. Affonso Henriques que ahi se mettia a repousar das suas fadigas marciaes, intitulando-se conego do mesmo mosteiro, submettendo-se rigorosamente á regra da ordem de Santo Agostinho e tomando parte nos officios.

O edificio primitivo foi restaurado por D. Manuel que, no empenho de fazer obra digna de si e das nobres tradicções d'essa casa religiosa onde jaziam as cinzas dos dois primeiros monarchas portuguêses, não se contentou com os artistas nacionaes, mandando

vir de França alguns architectos e esculptores, como João de Ruão, Jacques Longuin e mestre Nicolau.

A imponente fachada da egreja, cujo effeito decorativo perde bastante com o guarda-vento da entrada e com a porta que substituiu o antigo *portal da majestade,* encontra-se em calamitosa ruina, mas merece ainda assim um exame attento, pela originalidade da sua delineação, pela phantasiosa riqueza da sua ornamentação architectonica, no gôsto manuelino, e pelas apreciaveis esculpturas de mestre Nicolau e de Diogo de Castilho, que enchem alguns dos seus nichos. Por cima da janella do corpo central e nas duas torres lateraes vê-se o brasão d'armas de D. Pedro Gavião, bispo da Guarda e prior-mór de Santa Cruz, que tão desveladamente contribuiu para a restauração do mosteiro.

A egreja manuelina, d'uma só nave, tem soffrido consideraveis modificações a partir do seculo XVII. A sua alta abobada artezoada ostenta ricos bocetes no cruzamento das nervuras. A luz desce de grandes janellas ladea-



Egreja de Santa Cruz. Pulpito.

das de columnellos e rematadas por arcos polycentricos.

Á entrada do templo, nota-se uma abobada mais baixa, tambem artezoada, sobre a qual descança o côro a que nos referiremos mais adeante. Termina essa abobada por um arco assente sobre duas pilastras ornamentadas ao gôsto da Renascença.

Transposta a entrada, vê-se embebido na parede da direita, o tumulo armoriado de D. Fernando Cogominho, alcaide-mór de Coimbra e senhor de Chaves, e de sua mulher, D. Joanna Dias, senhora da villa de Athouguia.

Mais adeante, na parede esquerda, está o celebre pulpito attribuido a João de Ruão que o assignou com as iniciaes I. M. *(Johannes Magister)*, verdadeira joia de pedra, d'uma composição faustosissima e d'uma assombrosa delicadeza de execução, onde, por exemplo, os pequenos baixos-relevos que estão sob as estatuetas dos quatro Doutores da Egreja, rivalisam no acabamento dos detalhes com os mais perfeitos camafeus antigos e com os graciosos grupos que ornamentam, em fundo azul, as loiças de

Wedgwood. Falando do pulpito, diz E. Bertaux na *Histoire de l'Art:* « c'est un grand bijou de calcaire fin qui n'a pas d'égal en France même ». Pena é que esta maravilha ficasse incompleta, faltando-lhe, como é notorio, a porta ornamentada e o baldaquino que devia sobrepujá-la.

Aos lados do arco que separa da nave a capella-mór, erguem-se dois altares modernos, o da Senhora das Dores e o da Senhora da Conceição, apreciaveis trabalhos do artista conimbricense João Machado.

No chão, defronte do altar da Senhora da Conceição, está a sepultura de D. Miguel da Annunciação que, antes de ser elevado á dignidade de Bispo de Coimbra, foi conego regrante de Santo Agostinho.

É na capella-mór que se encontram os dois túmulos monumentaes de D. Affonso Henriques e de D. Sancho I. Identicos na sua delineação geral, só distinctos nos detalhes ornamentaes, e na parte esculptural, compõe-se cada um d'elles d'um alto nicho que abriga a arca funeraria sobre a qual se vê a estatua jacente do monarcha. No fundo, sob ricos



Egreja de Santa Cruz. Tumulo de D. Affonso Henriques

baldaquinos, as estatuetas da Virgem e de varios santos. Aos lados do nicho, erguem-se dois botaréos profusamente ornamentados com medalhões, e estatuetas, misulas, baldaquinos, etc. Sobre o nicho uma sumptuosa composição architectonica, a meio da qual se alça o escudo de Portugal tendo dois anjos por supportes.

A crítica attribue a mãos portuguesas estes dois soberbos exemplares da arte manuelina. As duas estatuas jacentes accusam, porém, o cunho da Renascença francêsa.

Aos lados dos dois tumulos estão expostos quatro grandes tapetes da Persia.

A sachristia, que n'uma das suas portas tem a data de 1622, é de apparatosa construcção. As suas paredes são revestidas de bellos azulejos divididos em secções regulares pelas pilastras que aguentam a cornija sobre a qual assenta uma bella abobada, toda formada de caixotões octogonaes, ornados de molduras e de pequenas pyramides truncadas.

Acham-se n'esta sachristia quatro notaveis pinturas em madeira, do seculo XVI sobre as

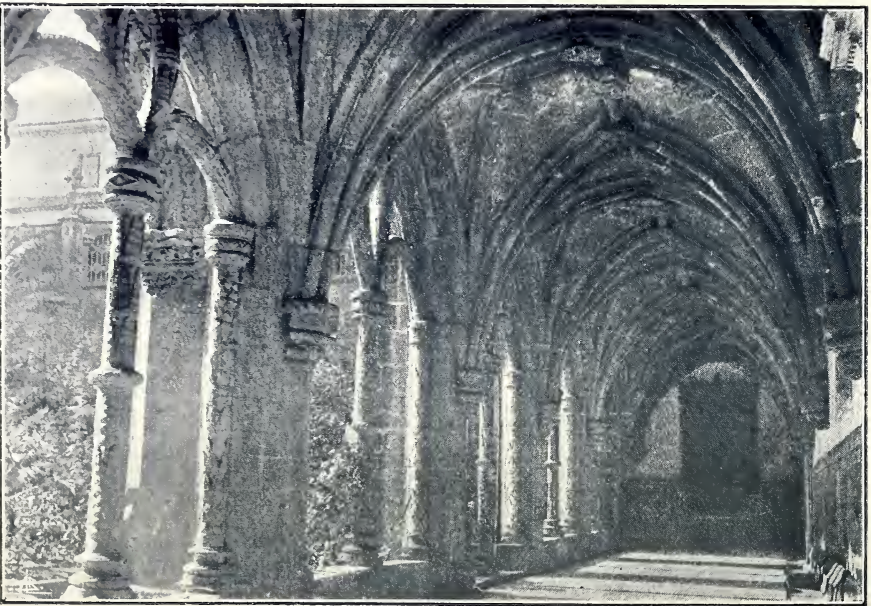
quaes muito se tem escripto e discutido: o *Calvario, Ecce Homo, Pentecostes* e *Santo Antonio.*

O *Calvario* é uma grande composição onde o grupo da Virgem, de Magdalena e de S. João impressiona vivamente pelo sentimento das expressões e das attitudes, formando contraste com a vivacidade e o brilho do grupo da direita composto d'homens d'armas ricamente vestidos. Attribue-se com justas razões a Christovam de Figueiredo.

O *Ecce Homo,* attribuido ao mesmo pintor, notabilisa-se pela expressiva verdade das physionomias e pelo amoroso cuidado com que ahi é tratada a parte architectonica.

O *Pentecostes,* onde se vê a assignatura *Vellascus,* e que está reclamando uma sábia e immediata restauração, é tido como obra do auctor do célebre *S. Pedro de Tarouca.* A sua moldura, da Renascença, é muito bella.

O *Santo Antonio,* d'uma tonalidade apagada e doce, prende pela terna emoção que anima toda a figura do santo.



Egreja de Santa Cruz. Claustro do Silencio.

Um outro quadro, mais recente, d'esta sachristia, representa o *Descimento da Cruz*. É obra de André Gonçalves.

Contigua á sachristia, fica a casa do capitulo, com a sua abobada de artezões e bocetes, e a sua capella de S. Theotonio, primeiro prior de Santa Cruz. Esta capella, obra de Thomé Velho, foi concluida em 1582. O altar é formado pelo sarcophago onde estão as cinzas do santo, cuja estatua occupa o centro do retabulo, no meio de grande profusão de ornatos. Outras duas sepulturas se encontram n'esta capella, sendo uma d'ellas a do arcediago D. Tello. O pomposo arco de pilastras corinthias que dá accesso ao altar de S. Theotonio deve ser dos principios do seculo XVII.

A casa do capitulo communica com o claustro do Silencio por meio d'uma sumptuosa porta manuelina.

O claustro do Silencio, construido por Marcos Pires, é um exemplar precioso da feição popular que a architectura manuelina manteve n'algumas obras, sendo interessante o confronto d'este claustro com os dois tumulos da

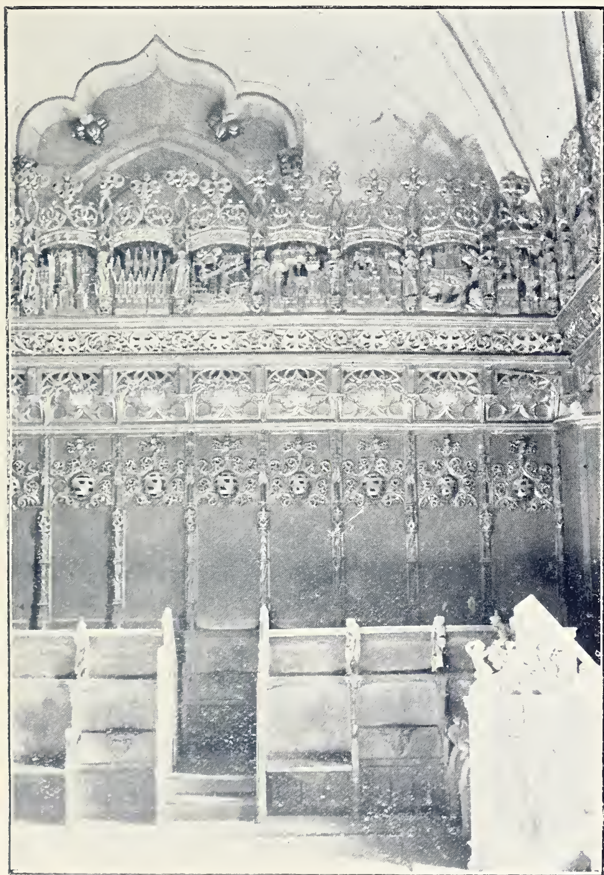
capella-mór, que apresentam um caracter bem diverso.

O visitante não deve deixar de admirar os tres quadros de pedra, em alto relevo, embebidos nas paredes d'este claustro. Esculpidos na friavel pedra de Ançã, é deploravel o estado em que se encontram, mas assim mesmo, carcomidos e mutilados, são documentos preciosos da esculptura da Renascença, ricos de sentimento e de informações sobre a indumentaria do seculo XVI.

Ha no claustro varias capellas, merecendo especial menção a do topo oriental da ala sul, onde estão as sepulturas manuelinas de D. Pedro Gavião e do Prior-mór D. João de Noronha e Menezes, filho dos primeiros marquezes de Villa Real.

O cadeiral do côro, obra d'um sevilhano cujo nome se ignora, é um exemplar notabilissimo de esculptura em madeira.

Compõe-se de duas ordens de cadeiras. Na primeira, menos apparatosa, são os logares divididos por apoios ornados com animaes espreguiçando-se e luctando em extravagantes



Egreja de Santa Cruz. Côro.

posições, e superiormente por uma serie de estatuetas representando guerreiros, judeus em attitudes burlescas, condemnados, etc. As *misericordias* ostentam egualmente grande profusão e phantasia de ornamentação. Limitando as coxias de dois degraus que dão accesso á segunda ordem de cadeiras, ha umas vedações decoradas com escudos que ostentam ora as armas de Portugal, ora uma heraldica singular da Paixão, em que figuram como attributos os cravos, a esponja, a lança, a columna, etc. e tambem com variados grupos representando a mattança d'um boi, um homem arrancando um dente a um cão, um porco a tocar gaita de folles, e outras scenas de caracter comico.

As cadeiras da segunda ordem teem altos espaldares a meio dos quaes se vê a esphera armillar cercada por uma ornamentação de finos cogulhos vasados. Delicados columnellos separam os mesmos espaldares e sobre estes corre um friso com o brasão de Portugal tantas vezes repetido quantos são os logares. Um segundo friso saliente, de ornatos vegetaes, tem uma serie de cruzes da ordem de Christo, regular-

mente dispostas nas verticaes dos escudos e espheras inferiores. Um terceiro friso, da maior magnificencia completa a composição, representando em quadros do mais bello effeito decorativo, cidades phantasticas, castellos, fortalezas e galeões em cujas velas enfunadas se repetem constantemente a cruz de Christo e a esphera armillar. Sobre cada um d'esses quadros ha ainda um remate em fórma de corôa caprichosamente florida.

Sé Velha

Sé Velha (7 E). — A Sé Velha, construcção romanica do seculo XII, é sem dúvida o monumento architectonico mais notavel de Coimbra.

Pela sua planta e disposição geral, filia-se no *romanico francês,* apresentando, porém as caracteristicas particularidades que esse typo tomou na Peninsula.



Sé Velha. Fachadas septentrional e occidental.

Como quasi todas as velhas egrejas portuguezas, soffreu a Sé Velha, com o rodar dos tempos, successivas e nem sempre sensatas modificações, accumulando-se estas por fórma que, ha vinte annos, estava quasi completamente obliterada, sobretudo no interior, a feição primitiva do templo.

Foi então que se pensou na restauração da velha cathedral, restauração felizmente levada a cabo graças á iniciativa e constantes esforços do fallecido Bispo-Conde, D. Manuel Corrêa de Bastos Pina, ao auxilio moral e material da Rainha D. Amelia e ao criterio superior do Snr. Antonio Augusto Gonçalves que dirigiu os trabalhos com uma intelligencia e uma probidade artistica dignas do maior elogio.

A fachada principal, voltada a poente, orientação fixa de todos os templos christãos da Edade-Media, compõe-se d'um corpo central, saliente, e de dois outros lateraes, que apresentam tambem uma forte saliencia em cada cunhal. No corpo do meio abre-se a porta principal rematada por uma serie de arcos de volta inteira e de diametro successivamente

decrescente, os quaes se apoiam sobre columnas dispostas em duas linhas obliquas, de modo que o vão da porta augmenta do interior para o exterior. É esta, na architectura romanica, a composição caracteristica das portas e janellas monumentaes. Os arcos e principalmente as columnas d'esta porta attribuida ao architecto Roberto de Lisboa são abundantemente ornamentados. Sobre a porta, uma vasta janella de composição identica, e no rebordo inferior da janella uma arcatura cujos arcos descançam sobre cachorros lavrados com motivos vegetaes. A torre sineira que sobrepuja a janella é um acrescento feito em 1839. Em cada um dos corpos lateraes abre-se uma estreita janella rematada em arco de cintro pleno e sobre cada janella corre uma arcatura de columnellos.

Tanto esta fachada como a septentrional e a meridional são coroadas de ameias que imprimem á construcção um ar severo de magestade e fôrça.

Na fachada septentrional, admira-se a *Porta Especiosa,* construcção que o critico allemão

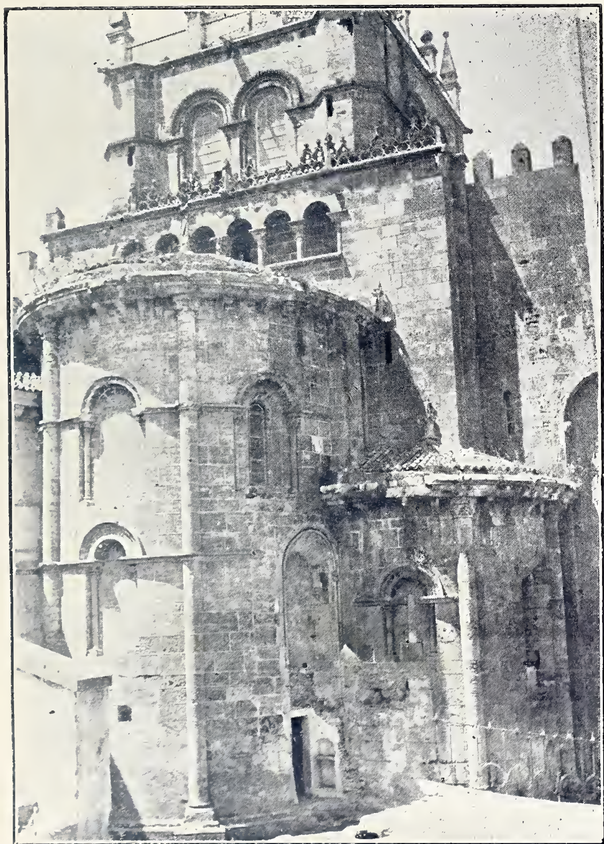
Haupt considera « o trabalho mais primoroso e mais completo da primeira Renascença classica em territorio português ». Construcção dos meiados do seculo XVI, encontra-se hoje em lastimavel ruina, mas mostra ainda o que foi nas partes mais poupadas pelo tempo e pelos homens. O medalhão do tympano da porta, representando a Virgem com o Menino, coroada por dois anjos, é uma maravilha de graça florentina; as estatuas dos nichos, e especialmente o de S. João Baptista, são optimos exemplares da esculptura d'essa epocha; e a varanda do segundo pavimento captiva quantos a vêem pela esbeltez das suas proporções. Em toda esta construcção, que termina superiormente por um terceiro corpo a meio do qual se vê uma Annunciação em relêvo, em toda ella se revela claramente a influencia francesa e se admira a delicadeza, phantasia e abundancia da sua ornamentação.

A nascente da *Porta Especiosa,* fica a de Santa Clara, tambem da Renascença e tambem em ruina.

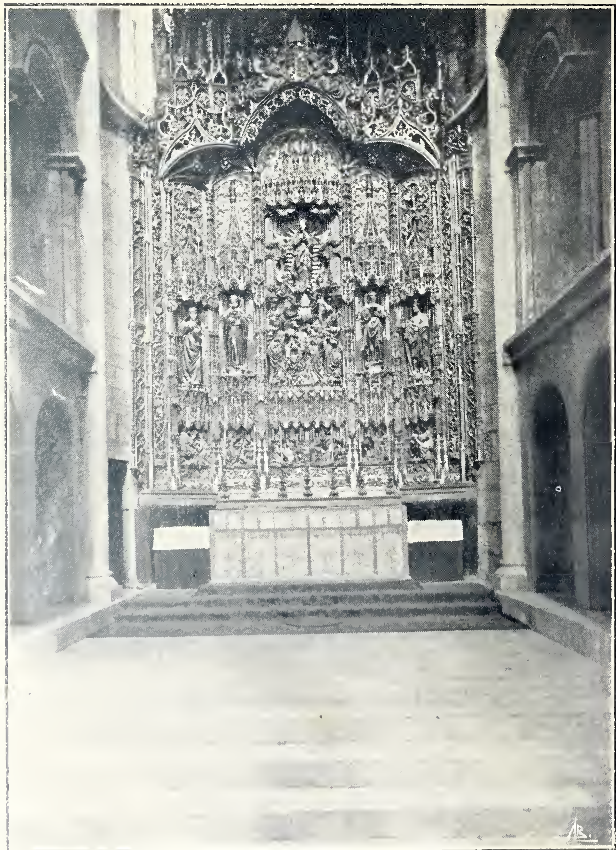
Ainda n'esta fachada e junto do cunhal occidental, está uma arca de pedra onde foram encerrados os ossos do conde D. Sisnando, valoroso fidalgo que muito se distinguiu na conquista de Coimbra aos moiros em 1064.

Apezar da differença de proporções e de architectura dos dois absidiolos, a parte absidial exterior, integrando-se na mesma perspectiva com a cúpula do transepto e com um trecho de peitoril, gothico, apresenta um conjunto do mais pittoresco effeito. Contigua á abside, fica a fachada da sachristia, recentemente recuada para desafrontar a parte oriental do templo, fachada onde se vê o brasão do Bispo D. Affonso de Castello Branco e duas lindas janellas da Renascença.

Entremos na egreja, que é de tres naves, sendo a sua planta em fórma de cruz latina. Sobre as naves lateraes corre o *triforium* com os seus magestosos arcos divididos em duas luzes por maineis de columnas e capiteis geminados. A divisão das naves é feita por enfeixamentos assentes sobre bases polygonaes e constituidos por um pilar central de secção



Sé Velha. Abside.



Sé Velha. Retabulo da capella-mór.

quadrada, a que se encostam quatro columnas correspondentes aos arcos que sobre ellas carregam. As columnas que olham para a nave central sobem a grande altura como supportes dos arcos da abobada principal.

O transepto, sobre o qual se ergue uma cúpula magestosa, de sóbria mas elegante e forte ornamentação, apresenta nos seus topos bellas arcaturas do melhor effeito decorativo.

Á esquerda da porta principal, fica a notavel pia baptismal mandada fazer pelo Bispo-Conde D. Jorge de Almeida e Silva, o mais illustre e generoso dos Bispos-Mecenas que teem governado a diocese de Coimbra.

Ao fundo, na capella-mór, resplandece o famoso retabulo gothico, em talha doirada, obra de Olivier de Gand e de Jean d'Ypres, concluida em 1508 e mandada executar por D. Jorge d'Almeida. No seu genero, é uma preciosidade unica em Portugal, podendo soffrer, sempre galharda e muitas vezes victoriosamente, o confronto com os mais bellos trabalhos similares do estrangeiro. Sobre a predella onde, entre uma silva vegetal, se mis-

turam genios e selvagens caçando, uma sereia, um dragão atacando um menino, animaes tocando varios instrumentos, etc., corre horisontalmente uma serie de grupos em relevo, representando os quatro Evangelistas, o Presepio e a Ressurreição. Os que representam S. Marcos e o Presepio são modernos. Os restantes distinguem-se pelo naturalismo ingenuo da execução, pelo sentimento expressivo das figuras e pelo vigor e caracter da execução.

Ao centro do retabulo um admiravel grupo, onde os pannejamentos são tratados com mestria incomparavel, contempla de joelhos a *Assumpção da Virgem* que sóbe no ar levada por anjos. A cada um dos lados d'esta composição central, duas estatuas de santos, do mais acabado e caracteristico lavor. Como remate, o Calvario: Jesus crucificado entre Nossa Senhora e S. João, e dos lados os dois ladrões contorcendo-se tragicamente nas suas cruzes. Na pequena abobada que fecha a composição, a figura de Christo ressuscitado e pequenos anjos fazem as vezes de bocetes. Sobre todas as figuras que enchem o retabulo,

sumptuosos e delicadissimos baldaquinos doirados onde se estylisam algas e se erriçam esbeltos pinaculos guarnecidos de cogulhos, dando a toda a composição o aspecto d'uma joia descommunal lavrada em filigrana delicadissima e coberta de esmaltes.

Tres vezes se repete n'este retabulo o brasão de D. Jorge d'Almeida, que legitimamente quiz mostrar bem que era da sua iniciativa uma tão brilhante maravilha. Os restauradores porém estropiaram-lhe as armas, no segundo e terceiro quarteis dos dois escudos que estão aos pés da Virgem da Assumpção, e de Jesus crucificado: em vez de fazerem o leão de purpura em campo de prata (Silva), fizeram o leão d'oiro em campo azul (Castello-Branco).

A capella absidial do lado do Evangelho é tambem obra mandada fazer por D. Jorge d'Almeida, que ahi está enterrado. O altar de pedra, apezar de muito deteriorado, é ainda um valiosissimo exemplar da arte da Renascença. A sua estructura e fina ornamentação apresentam claros resaibos do renascimento francez, ao passo que a parte esculptural e

sobretudo as suas figuras de vulto são já bem nossas, bem nacionaes.

A capella do Sacramento, no absidiolo do lado da Epistola, tem a data de 1566 e foi mandada construir pelo Bispo-Conde D. João Soares que governou o bispado de 1545 a 1572. Tem a fórma circular e é animada por dezesete formosas estatuas, cheias de vida, representando Jesus Christo, Nossa Senhora, os apostolos, etc. A parte architectonica, formada de pilastras corinthias e de columnas, algumas com o fuste em fórma de balaustre, distingue-se pela riqueza da ornamentação, em que entram com abundancia molduras e festões pendentes de fitas que ondulam. O sacrario é finamente lavrado, assim como a cupula de caixotões.

Na nave lateral esquerda, um pouco adeante da pia baptismal, vê-se no chão uma campa com as armas muito desgastadas da familia dos Cabraes e uma inscripção gothica que mal pode lêr-se. Está ahi sepultado Alvaro Gil Cabral, Alcaide-mór da Guarda, senhor de Azurara, Valhelhas, Manteigas, Tavares, Moimenta, etc., avô de D. Fr. Gonçalo Velho, des-

cobridor dos Açores, e bisavô de Pedro Alvares Cabral, descobridor do Brasil.

Quasi a par d'esta campa, mas mais á direita, sob um dos arcos que dividem a mesma nave esquerda da nave principal, está outra sepultura com as armas dos viscondes de Villa Nova de Cerveira.

Mais adeante, tambem no chão, defonte do altar de S. Ursula, a do Dr. Sebastião Vahia, datada de 1630, com as armas dos Vahias e uma tarja finamente lavrada. No mesmo altar, sob o painel da Santa, o jazigo d'um Bispo, que se suppôe ser de D. Tiburcio.

A seguir, na ultima capella d'esta nave, o tumulo de D. Vataça, infanta da Grecia, dama e amiga da Rainha Santa. Sobre a arca de pedra ornada com o brasão repetido da defuncta, vê-se a estatua jacente da mesma.

Varias outras sepulturas, sobretudo de bispos, e algumas com estatuas jacentes, estão dispersas pela egreja.

Nas naves lateraes e na capella do absidiolo da esquerda notam-se bellos azulejos de desenho oriental, fabricados em Sevilha.

Ao sul do templo, fica o bello claustro que foi barbaramente mutilado e desfigurado no seculo XVIII, quando se construiu a Imprensa da Universidade, mas que ao presente anda a ser restaurado.

Contemporaneo dos claustros de Alcobaça e da Sé do Porto, data do seculo XIII, sendo um raro e admiravel exemplar d'essa architectura de transição do romanico para o gothico.

Em cada um dos seus quatro lanços ha cinco arcos de ogiva que abrangem dois de volta inteira. Nos dinteis, singellas mas variadas rosaceas.

A casa do capítulo, no lanço meridional, salienta-se pela ousadia da sua abobada de artezões. Vê-se ahi a sepultura do Bispo-Conde D. Affonso de Castello Branco, que veiu do extincto convento de Santa Anna.

No lanço oriental está uma capella em cujo altar se vê um retabulo de pedra, representando o Presepio. Tem a data de 1559.



Sé Velha. Claustro.

Egreja de S. Justa

Egreja de S. Justa (7 C). — Começada a construir nos principios do seculo XVIII, é um templo vasto, d'uma só nave, sem qualquer coisa que artisticamente a recomende. Foi edificada para substituir outra egreja da mesma invocação, situada no terreiro da Herva e que o alteamento do solo havia soterrado.

Egreja da Graça

Egreja da Graça (7 C). — Actualmente disfructada pela irmandade do Senhor dos Passos, foi construida em tempo de D. João III e per-

tencia ao collegio do mesmo nome, onde esteve por longos annos o quartel de Infantaria 23.

O que de mais interessante se nota n'este templo são os brasões d'armas e as inscripções das suas capellas lateraes.

A primeira capella á esquerda, com o brasão dos Brandões, foi fundada em 1600 por Francisco Brandão, fidalgo da Casa de S. Majestade. Este Francisco Brandão é talvez o individuo mencionado em varios nobiliarios como marido de uma filha de certo arcediago de Coimbra, da qual houve Pedro Brandão, conego da sé de Coimbra, e D. Luiza Brandão, freira da Madre de Deus.

A segunda capella á esquerda ostenta n'uma das suas paredes o brasão dos Homens, com um paquife engenhosamente composto e finamente esculpido. Foi fundador d'esta capella Antonio Homem, *fidalgo da casa d'el-rei* (D. João III), *e seu capellão.*

Na segunda capella á direita vê-se uma sepultura rasa com um escudo esquartelado, tendo no primeiro quartel as armas dos Castellos Brancos e no segundo as dos Pereiras, e

assim os contrarios. Diz a inscripção que estão ali sepultados João Gonçalves de Castello Branco e sua mulher D. Antonia (de Sá) Pereira, que falleceu com quarenta e seis annos de edade, em 2 de maio de 1551. Esta D. Antonia de Sá Pereira, que teve em dote as grandes quintas do Pinheiro e do Marmeleiro, era filha de João Rodrigues de Sá, senhor do Curval e 1.º provedor da Misericordia de Coimbra.

Embebida n'uma das paredes da mesma capella, está uma pedra com um brasão esquartelado, tendo no primeiro quartel as armas dos Sás, no segundo e terceiro as dos Pereiras, e no quarto as dos Castellos Brancos. Uma inscripção diz, na mesma pedra, que esta capella foi instituida por D. Brites Pereira, filha dos mencionados João Gonçalves de Castello Branco e de D. Antonia de Sá Pereira.

Egreja do Carmo

Egreja do Carmo (7 C). — Contigua ao Hospicio da Ordem Terceira, que desairosamente se ergue onde dantes se erguia o collegio do Carmo, foi esta egreja construida pelo grande escriptor D. Fr. Amador Arraes, Bispo de Portalegre, que n'uma cella do mesmo collegio compoz, segundo diz a tradicção, os seus admiraveis *Dialogos.*

N'este templo d'uma sobria mas grandiosa architectura, encontram-se, como na egreja da Graça, alguns interessantes monumentos heraldicos.

Na primeira capella á esquerda, fundada por Luiz Sardinha Cezar e sua mulher D. Joanna de Sá, destaca-se entre os apreciaveis azulejos da parede um brasão esquartelado, tendo no primeiro e quarto as armas (muito alteradas)



Egreja do Carmo. Brazão dos Sás-Pereiras
na capella de Matheus Pereira de Sá.

dos Sardinhas, no segundo as dos Sás e no terceiro as dos Soutomayores, tambem imperfeitamente representadas.

A segunda capella á esquerda foi instituida em 21 de abril de 1597 por Matheus Pereira de Sá, fidalgo da casa de S. Majestade e Arcediago de Riba de Côa na Sé de Lamego. Na parede da direita vê-se uma inscripção commemorativa da instituição e por cima um brasão esquartelado tendo no primeiro quartel as armas dos Sás, no segundo as dos Pereiras e assim os contrarios.

O arcediago Matheus Pereira de Sá era filho de Ruy de Sá Pereira, segundo senhor do Curval, commendador de S. Mamede da Guarda na ordem de S. Thiago, Provedor perpetuo da Misericordia de Coimbra, e de sua mulher D. Brites Mendes de Castello Branco.

No chão vêem-se tres sepulturas rasas: na do meio foi enterrado o instituidor; na da esquerda seu pae, que falleceu em 1543, sua mãe e irmãs; a da direita tem uma inscripção illegivel.

Á direita do transepto fica a capella da Senhora da Conceição, instituida por D. Juliana de Faria, mulher de Christovam de Andrade, *fidalgo nos livros d'el-rei e commendador de Christo.*

As cinzas de D. Fr. Amador Arraes descançam na capella-mór.

Á esquerda da egreja ha um pequeno claustro. A harmoniosa singelleza das suas linhas; o seu revestimento de azulejos que, embora mal pintados, se casam admiravelmente, em mancha, com o tom da pedra; a sua perfeita conservação que em nada prejudica o prestigio que tres seculos lhe deram, e ainda o ar acolhedor de recolhimento e paz que ali paira, — fazem d'este lindo claustro o encanto de todos os artistas e a inveja de quantos ambicionam um asylo discreto e carinhoso para os seus estudos e para as suas meditações.

Egreja de S. Domingos

Egreja de S. Domingos (7 C). — Começada em tempo de D. João III, com grande magnificencia de proporções e ornatos, não chegou, por falta de recursos, a concluir-se esta egreja que devia ter junto de si um vasto mosteiro cuja construcção era instantemente exigida pela ruina da casa dos dominicanos no sitio do Chão da Torre.

O que se fez e ainda se conserva n'um abandono que é uma vergonha e um dó, constitue um apreciavel exemplar da architectura da Renascença no seu segundo periodo.

Sobre a porta que deita para a rua da Sophia, vê-se integro, apenas com uma falha accidental no coronel, o brasão dos duques de Aveiro, padroeiros do convento. Ninguem sabe explicar como este brasão escapou á

rigorosa execução da sentença de 12 de janeiro de 1759, que mandava picar todas as armas dos fidalgos implicados na conspiração contra D. José.

Palacio Ameal

Palacio Ameal (7 C). — O collegio universitario de S. Thomaz, da ordem de S. Domingos, foi adquirido pelo conde do Ameal, que o mandou demolir quasi completamente, para no mesmo local fazer construir a sumptuosa residencia onde vive e tem installadas as suas preciosas collecções artisticas.

Do velho collegio resta apenas o claustro, singelo mas harmonioso de proporções, e a fachada principal onde avulta uma porta, infelizmente muito deteriorada, que é das mais lindas e delicadas coisas que os artistas da Renascença lavraram em Coimbra.



Palacio Ameal.
Porta principal do antigo Collegio de S. Thomaz.



Egreja de S. Thiago. Capella gothica.

Egreja de S. Thiago

Egreja de S. Thiago (7 D). — Já atraz nos referimos aos vandalismos soffridos por esta bella egreja romanica, construida nos fins do seculo XII.

Actualmente está-se cuidando da restauração d'este templo, que nunca poderá reapparecer na sua integridade primitiva, visto terem-lhe irremediavelmente cortado parte do corpo absidial para alargamento da velha rua do Coruche, hoje rua do Visconde da Luz.

No interior, o que de mais interessante se se encontra é uma linda capella gothica do seculo XV, perfeitamente conservada.

Exteriormente, são dignas de exame as duas fachadas occidental e meridional.

Jardim da Manga

Jardim da Manga (6 D). — O jardim da Manga, assim chamado porque, segundo a tradicção, D. João III o riscou na *manga* do seu pelote, era um claustro do mosteiro de Santa Cruz e está hoje entre o edificio do correio e o da Escola Industrial.

Cortado de tanques, tem ao centro um pequeno templo de cupula assente sobre columnas, e rodeado de quatro pequenas capellas onde se veem restos de bellas esculpturas em alto relêvo.

Associação dos Artistas

Associação dos Artistas (6 D). — Esta sociedade de soccorros mútuos está installada no antigo refeitorio dos conegos regrantes de Santo Agostinho, longa sala manuelina, n'um dos topos da qual se admirava antigamente o famoso *Cenaculo,* em barro cosido, de Filippe Edouard.

Algumas das notaveis figuras d'esse grupo estão hoje no Museu Machado de Castro.

Egreja de S. Bartholomeu

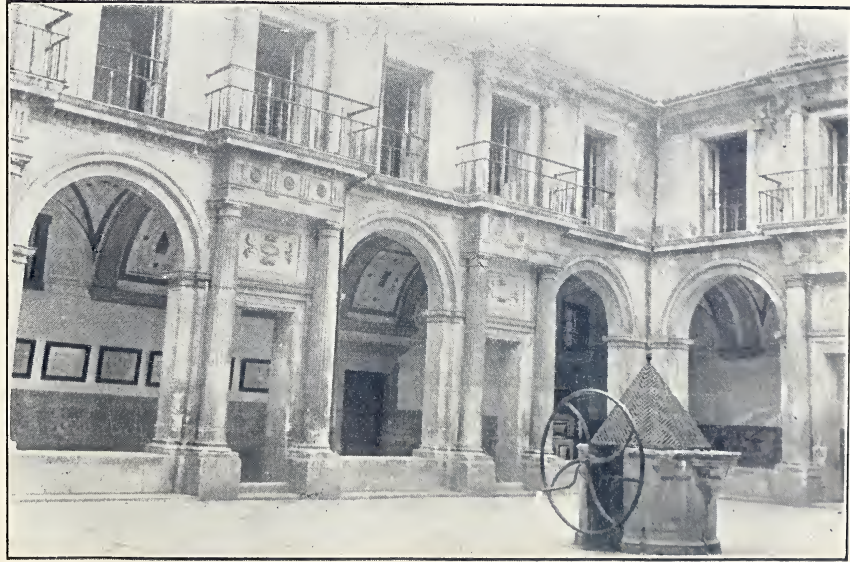
Egreja de S. Bartholomeu (7 D). — Na pobreza da sua architectura e ornamentação,

nada offerece de interessante esta egreja construida na segunda metade do seculo XVIII para substituir outra de egual invocação, que no mesmo sitio se levantava desde remotos tempos.

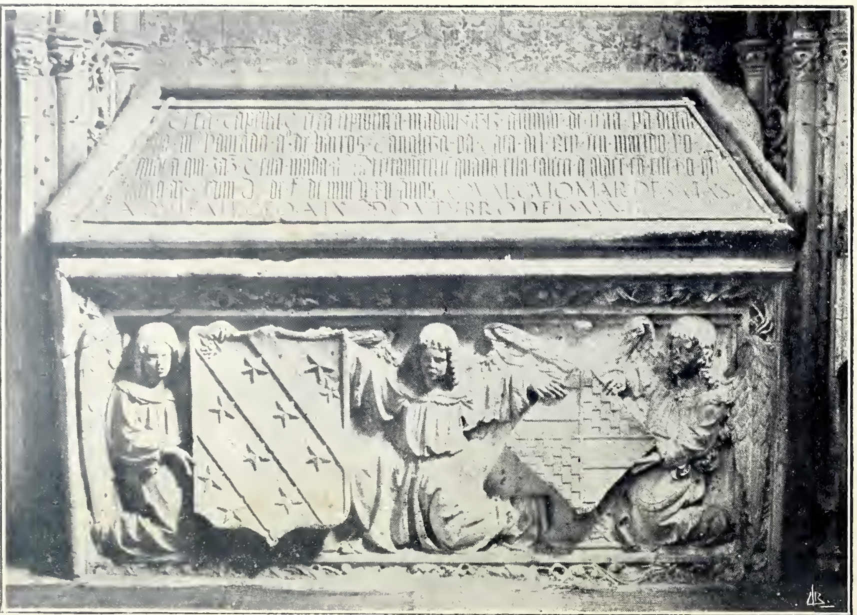
Collegio Novo

Collegio Novo (7 D). — A Misericordia de Coimbra está installada desde 1842 no Collegio Novo, ou da Sapiencia, fundação dos conegos regrantes de Santo Agostinho, que ahi tinham a sua casa de estudos.

São dignos de especial menção, n'este edificio, a capella com as suas lindas abobadas ricamente estucadas, e o pateo *filippino* de tão nobre aspecto na discreta sobriedade da sua ornamentação e na harmoniosa elegancia das suas proporções.



Collegio Novo. Claustro.



Egreja do Salvador. Sepultura de D. Guiomar de Sá.

Egreja do Salvador

Egreja do Salvador (6 E). — Data esta egreja do seculo XII. Da sua fachada primitiva restam apenas a porta principal, construida segundo o canon romanico, e, sobre ella, uma serie de cachorros.

O templo é de tres naves, com o tecto de madeira.

Na capella manuelina de Nossa Senhora do Carmo, á direita de quem entra, está a sepultura da sua instituidora, D. Guiomar de Sá, tia paterna de Sá de Miranda filha de João Gonçalves de Miranda Soutomayor e de sua mulher D. Filippa de Sá, dama da 1.ª duqueza de Bragança, que lhe doou a quinta de Deuchriste na freguezia de S. Salvador do Campo, termo de Barcellos. A sepultura, em fórma de arca, ostenta á frente um bello grupo

de tres anjos que seguram, á esquerda, um escudo com o brasão dos Barros e, á direita, uma lisonja esquartelada tendo no primeiro e quarto as armas dos Sás e no segundo e terceiro duas fachas que de certo querem mas não conseguem representar as armas dos Soutomayores.

Esta D. Guiomar de Sá, sendo solteira, teve amores com o celebre Bispo-Conde, D. João Galvão, facto que, certamente, a não nobilita, mas que, dados os costumes soltos do tempo, não reveste metade da importancia moral que revestiria em nossos dias. Muito e bem leviamente se tem escripto sobre esses amores, chegando Camillo Castello Branco a considerar a doação do praso do Curval feita por D. João Galvão a João Rodrigues de Sá, primeiro Provedor da Misericordia de Coimbra e irmão de D. Guiomar, como um meio empregado pelo Bispo para lhe amansar as iras fraternaes, quando é certo que tal doação, porventura feita antes da erupção dos sacrilegos amores, foi, não um indecoroso suborno, mas o justo premio dos altos serviços milita-

res prestados pelo poderoso e valente João Rodrigues de Sá a D. João Galvão, a quem acompanhou na batalha de Tóro com muitos homens de cavallo á sua custa.

D. Guiomar de Sá veiu a casar depois com Affonso de Barros, cavalleiro da casa d'el-rei, que jaz na mesma sepultura como se lê na respectiva inscripção.

Á esquerda da capella-mór fica a de S. Marcos com um formoso altar em pedra, da Renascença. N'uma das paredes, vê-se uma inscripção datada de 1224 (1186). No chão ha uma lage funeraria indicando a sepultura de Gaspar Dias Vellez de Castello Branco, embaixador em Roma, e de sua mulher D. Anna Mendes de Caldeira, sogros de Ruy de Sá Pereira, a quem já nos referimos na pequena notícia sobre a egreja do Carmo, e filho de João Rodrigues de Sá, senhor do Curval, acima mencionado.

Universidade

Universidade (6 E). — Como é bem sabido, a Universidade de Coimbra tem a sua origem no *Estudo Geral* de Lisboa organisado por el-rei D. Diniz com a coadjuvação do abbade d'Alcobaça, dos priores de Santa Cruz e de S. Vicente e d'outros ecclesiasticos, e confirmado pela Bulla *De statu regni Portugaliæ*, de 9 de agosto de 1290.

Passados dezoito annos, em 1308, foi a Universidade, ou Estudo Geral, transferida para Coimbra e installada n'uma casa que ficava ao pé das Alcaçovas, provavelmente no sítio onde hoje se está construindo o edificio da Faculdade de Letras.

No reinado de D. Affonso IV volta a Universidade para Lisboa, d'onde regressa a Coimbra decorridos dezeseis annos. Ainda



Universidade. Via Latina e Torre.

d'esta vez foi curta a sua assistencia nas margens do Mondego, regressando em breve ás do Tejo.

Tendo soffrido grandes e beneficas modificações nos reinados de D. João I e D. Manuel, fixa-se definitivamente em Coimbra em março de 1537.

Dado o intuito especial d'este volume não nos alargaremos em notícias embora resumidas sobre a organisação e successivas transformações da Universidade, notícias que agradavelmente podem ser colhidas na monographia do illustre escriptor e poeta Manuel da Silva Gaio, publicada no vol. I da 2.ª serie dos *Serões* (Lisboa, 1905).

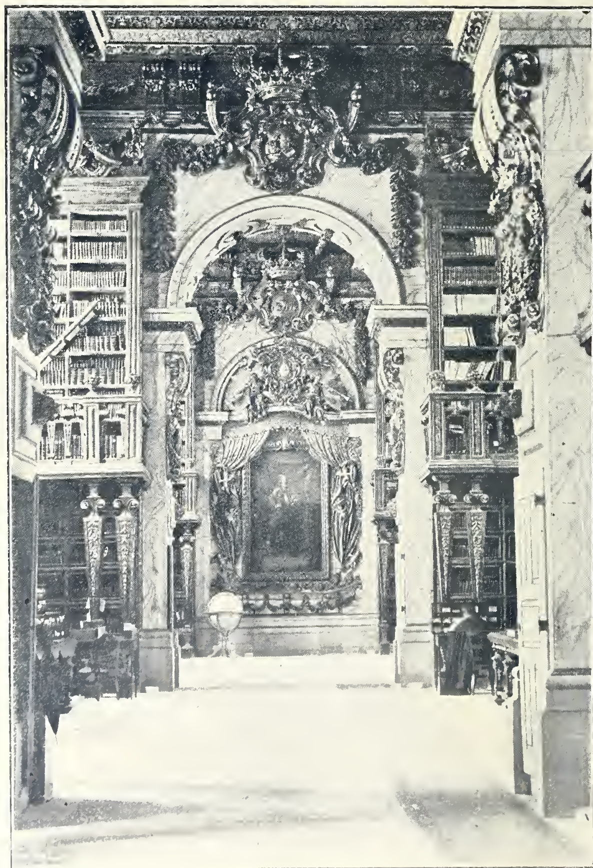
O que aqui nos cumpre é visitar com o leitor os principaes estabelecimentos universitarios.

A casa-mãe da Universidade fica no alto de Coimbra, no topo occidental da rua Larga.

Transposta a Porta-Ferrea, obra do seculo XVII, entra-se n'um vasto pateo ajardinado e limitado por edificios de epochas e estylos diversos. Ao norte, fica a *via-latina*, extenso portico,

que dá accesso aos *geraes*, onde estão installadas varias aulas, e á *sala dos capellos*, cujo interessante tecto dividido em caixotões tem a data de 1665. Entre outros actos solemnes, era aqui que se celebravam os doutoramentos, que, pela sua especialissima lithurgia, constituiam uma das mais pitorescas e animadas cerimonias da vida social portuguêsa e que, porisso mesmo, foram sacrificados á sanha inextinguivel dos que nos nossos costumes tradiccionaes, por mais bellos e evocativos que sejam, só vêem impetos de reacção e obscurantismo.

A poente salienta-se a *capella* manuelina, construida entre 1517 e 1522, por Marcos Pires, o mesmo que fez o *Claustro do Silencio* no mosteiro de Santa Cruz. A porta que deita para o pateo, flanqueada de duas grandes janellas, é do melhor effeito decorativo. Entre as alfaias pertencentes á capella merecem especial menção a celebre lampada de prata de Simão Ferreira (fins do seculo XVI), um cálice de tintinabulos, obra do mesmo ourives, e um sacrario de cobre dourado, dos principios do seculo XVII.



Universidade. Bibliotheca.

Contigua á capella, fica a *Bibliotheca,* apparatosa construcção do tempo de D. João V. Interiormente, é esta bibliotheca dividida em tres altas e vastas salas revestidas de ricas estantes e varandas ornadas de talha e de pinturas a oiro sobre fundo azul (na primeira e terceira sala) e vermelho (na segunda). As pinturas a fresco dos tectos, devidas ao pincel de Antonio Simões Ribeiro, são de bom e sumptuoso effeito, devendo notar-se n'ellas a felicidade com que o artista se sahiu das suas arrojadas perspectivas. Ao fundo da terceira e ultima sala, alça-se um retrato de corpo-inteiro, de D. João V, attribuido por uns ao pintor português Joaquim Fortunato de Novaes, e por outros ao italiano José Carlos Binheti. Ao longo das tres salas alinham-se algumas mesas de madeiras preciosas, abundantemente ornadas de talha e embutidos. A Bibliotheca é notavel pelo numero consideravel de volumes que encerra, pela extrema raridade d'alguns dos seus *reservados* e pela sua riquissima collecção de livros com illuminuras. Possue tambem uma collecção numismatica.

Continuando a mencionar os edificios que limitam o pateo, temos ao sul o *Observatorio Astronomico,* construido no tempo de D. Maria I.

A nascente, alonga-se uma incaracteristica construcção, que em parte e durante annos serviu para residencia dos reitores e dependencias da reitoria, e onde actualmente estão installadas varias aulas das faculdades de Sciencias e de Letras. Fica tambem n'este corpo a bella livraria do collegio de S. Pedro, hoje pertencente á ultima d'aquellas faculdades e recentemente restaurada com o melhor gôsto e criterio.

No angulo NO do pateo ergue-se a famosa torre da Universidade, que domina toda a cidade e arredores. A sua ascenção não é das mais suaves, mas quem tiver pernas que a tente, na certeza de que dará a estafa por bem empregada, tão vasto e bello é o panorama que lá de cima se disfructa.

Subindo da via-latina á reitoria, em cujas salas se vêem retratos d'alguns reitores, vale a pena dar uma chegada á *varanda* d'onde se

gosa tambem uma larga vista da cidade. De passagem para a varanda, encontra-se a *sala dos exames privados,* onde se vêem retratos, quasi todos horriveis, de varios prelados d'este célebre estabelecimento.

A Universidade tem varios annexos importantes entre os quaes mencionaremos os seguintes:

A *Faculdade de Letras,* amplo edificio que está sendo construido na rua Larga, hoje Candido dos Reis (6 E), e que occupa o mesmo logar onde antigamente se levantava o collegio universitario de S. Paulo, cedido em 1838 á *Nova Academia Dramatica,* que o transformou em *Theatro Academico.*

O *Collegio de S. Boaventura,* tambem na rua Larga, construcção do seculo XVII, que durante annos serviu de cadeia academica e que presentemente está em reconstrucção, devendo ahi ser installado em breve o museu de antropologia e outras dependencias da Faculdade de Sciencias.

Em parte do *Convento de S. Bento* (6 F), tambem occupado pelo Lyceu, tem a mesma Faculdade de Sciencias o seu museu, laboratorios e aulas de Botanica. Contiguo ao referido convento, fica outra dependencia da mesma Faculdade, o *Jardim Botanico*, a que particularmente nos referiremos adeante.

O *Hospital* (E 6), que em 1854 foi transferido da Couraça dos Apostolos para os Collegios de S. Jeronymo e das Artes, e o *Hospital dos Lazaros* que desde 1836 está no Collegio dos Militares.

O *Museu de Historia Natural* (E A), vastissimo edificio pombalino, para cuja construcção se aproveitou uma parte consideravel do antigo Collegio das Onze Mil Virgens.

Além do rico museu zoologico, comporta este enorme estabelecimento varias aulas da Faculdade de Sciencias, o gabinete de physica, a morgue, o theatro anatomico, etc.

Fronteiro ao Museu de Historia Natural, fica o *Laboratorio Chimico* (E 6), sumptuosamente construido no tempo da famosa reforma universitaria do Marquez de Pombal.

A *Escola de Farmacia* (E 6) para cuja installação se aproveitou a interessante casa dos Mellos na rua do Norte. N'esta casa ha um bonito pateo d'entrada, e a sua fachada septentrional chama a attenção dos amadores para um bello friso em *sgraffito* e para dois grandes brasões pontificaes, um de Clemente VII e outro de Paulo III, executados pelo mesmo processo.

O *Observatorio Meteorologico* (G 4) no arejado e pittoresco sitio da Cumeada.

Sé Nova

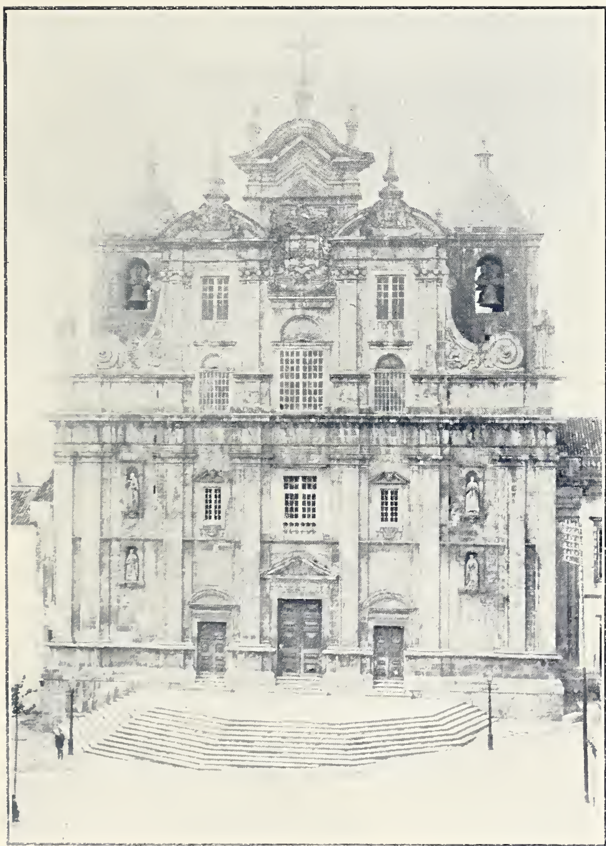
Sé Nova (6 E). — Este vasto templo fazia parte do collegio das *Onze Mil Virgens*, gigantesca agglomeração de edificios construidos pela Companhia de Jesus.

Extincta a Companhia, em 1759, os bens que possuia n'esta cidade foram doados parte á Universidade parte ao Cabido, que recebeu a egreja e suas pertenças, começando aquella a servir de Sé Nova a partir de 21 de outubro de 1772.

Pelas suas proporções e pela sua riqueza decorativa, é este templo um valiosissimo exemplar da architectura jesuitica. Apezar de severo e frio, como todos os templos congeneres, tem grandeza, chegando mesmo a ter graciosa elegancia n'alguns detalhes ornamentaes, como, por exemplo, nos dois corpos da fachada principal em que se abrem as duas mais altas janellas.

Como prescreve o *canon* jesuitico, a egreja é d'uma só nave e coberta por uma abobada de caixotões sobriamente moldurados. Sobre a parte central do *transeptum*, uma ampla cupula, tambem de caixotões.

Já pela sua execução, já pela sua variedade de estylos, merecem attenção, nos altares lateraes, os retabulos de madeira entalhada.



Sé Nova. Fachada.

A pia baptismal, mandada executar pelo magnifico bispo D. Jorge de Almeida e Silva, é uma notavel obra d'arte. Tem a assignatura do lavrante, em caracteres gothicos: « *P.º Ariqez e seu irmão a fez* ».

Thesoiro da Sé

Thesoiro da Sé (6 E). — A fundação d'este notabilissimo museu, como tal reconhecido pelos mais competentes criticos nacionaes e estrangeiros, deve-se exclusivamente á benemerita iniciativa do fallecido Bispo-Conde D. Manuel Corrêa de Bastos Pina.

Encerrada a Exposição da Arte Ornamental, que se realisára em Lisboa no anno de 1882, e onde a diocese conimbricense tivera brilhantissima representação, lembrou-se o mesmo Bispo-Conde de fundar junto da sua cathedral um

museu d'arte religiosa, constituido pelas chamadas *pratas da Sé,* e que successivamente deveria ser augmentado com peças provenientes dos conventos em via de suppressão.

N'esta, como em todas as emprezas do illustre Prelado, não intervieram delongas. Graças á energia e tenacidade do seu instituidor, não tardou que o novo museu fosse aberto ao publico.

A primitiva installação constava apenas de duas salas: na primeira, estavam as tapeçarias e os paramentos; na segunda, as peças d'oiro e de prata.

No entanto os ultimos conventos iam acabando, e, á proporção que acabavam, ia a collecção crescendo. Não sem o obstaculo d'alguns respeitaveis pedregulhos burocraticos, cuja remoção nem sempre foi das mais faceis, de Lorvão, de Semide, de Santa Clara de Coimbra, de Tentugal e de Villa Pouca da Beira vinha correndo para o Thesoiro da Sé uma rutilante enxurrada de alfaias preciosas, relicarios, ciborios, thuribulos, calices, gomis, frontaes e dalmaticas, n'uma extranha confusão



Thesouro da Sé. Calice romanico.

em que o oiro, a prata, as pedrarias e os esmaltes se misturavam com o velludo, a seda, a tartaruga, o coral e a malachite.

A accumulação tornára-se excessiva. Ousadamente se rompeu então uma ampla galeria contigua ás duas salas, e ao longo d'ella foram dispostos em vitrines os objectos mais preciosos. Posteriormente, foi o museu ampliado com mais uma sala, *a sala da palmeira.*

Entre as peças mais notaveis d'esta collecção convém fixar as seguintes:

Do seculo XII: um calice de prata doirada (n.º 24) e a crossa do baculo de S. Bernardo (n.º 18). O calice, de fórma romanica, tem a copa dividida em arcaturas, separadas por columnellos, que abrigam as figuras dos apostolos; o pé, ligado á copa por um nó coberto de filigrana, ostenta quatro medalhões com os symbolos dos evangelistas e a legenda: GEDA MENENDIZ ME FECIT IN ONOREM SCI MICHAELIS E MCLXXXX. A crossa do baculo, que se diz ter sido offertada por S. Bernardo a S. Theotonio, prior do mosteiro de Santa Cruz, é de cobre doirado,

ornada de laçaria e aves, e cravejada de cabuxões.

Do seculo XIII: uma imagem de S. Nicolau (n.º 8), em prata. Convém notar que a peça esmaltada da mitra foi posteriormente acrescentada.

Do seculo XIV: um relicario de coral e prata (n.º 19), uma interesantissima imagem da Virgem com o Menino ao collo (n.º 111), e uma cruz de agatha (n.º 83), objectos que pertenceram á Rainha Santa, e todos elles marcados com as armas de Portugal e Aragão.

Do seculo XV: uma grandiosa cruz procissional (n.º 1), de prata doirada, que pertenceu ao mosteiro de Alcobaça; um relicario tambem de prata (n.º 39) e duas cruzes processionaes de crystal de rocha (n.os 84 e 115).

Do seculo XVI: a sumptuosissima custodia de D. Jorge de Almeida (n.º 25) e uma caldeirinha de prata com o brasão do mesmo prelado (n.º 109); uma rica serie de calices (n.os 12, 13, 14 e 15); um gomil e bacia de prata doirada, no gosto manuelino (n.os 16 e 17), etc.



Thesouro da Sé. Imagem da Virgem, sec. XIV

Do seculo XVII: a grande custodia (n.º 2) e a cruz-relicario (n.º 3) do Bispo D. João Manuel, ambas de prata doirada, ornadas de esmaltes; um relicario contendo um osso de Santa Comba (n.º 4); dois cofres de tartaruga e prata (n.ºs 32 e 33); uma cruz procissional de azeviche (n.º 44), etc.

Do seculo XVIII: um jogo de sacras em prata e lapis-lazuli (n.ºs 78, 80 e 81).

Na secção de paramentos, figura em primeiro logar a capa da abbadessa de Lorvão, com sebastos soberbamente bordados, e na das tapeçarias um panno flamengo, representando Marte e Venus surprehendidos por Vulcano, e uma maravilhosa alcatifa da Persia, em seda.

Na *sala da palmeira* admira-se uma mobilia principesca (canapé e treze cadeiras), estofada com tapeçaria de Beauvais. Pertenceu ao paço episcopal de Leiria.

Referindo-se ao Thesoiro da Sé, escreveu, ha tempos, o eminente crítico Joaquim de Vasconcellos: « Quem subscreve estas linhas teve ensejo de visitar repetidas vezes os museus capitulares de alguns dos cabidos mais ricos

da Europa; pode comparar sem prevenções e julgar do valor das obras expostas por experiencia propria e por algum estudo, adquirido durante longos annos de pacientes investigações; não hesita, comtudo, em affirmar que o Museu de Coimbra rivalisa com os mais opulentos ».

Museu Machado de Castro

Museu Machado de Castro (6 E). — Instituido pelo Governo Provisorio da Republica e installado no Paço Episcopal, de cuja posse a mitra conimbricense se viu privada em virtude da célebre lei da Separação, este museu, pela proveniencia e caracter da maioria dos objectos que encerra, é o mais eloquente testemunho do muito que as bellas-artes devem á egreja catholica e ao sentimento religioso.



Museu Machado de Castro (antigo Paço Episcopal). Pateo e galeria.

No pateo da entrada, e exceptuando a ala septentrional, inhabilmente reedificada ha algumas dezenas d'annos, o velho paço conserva a sua magestosa feição primitiva, attrahindo especialmente a admirativa attenção dos entendidos para a ponderada elegancia da sua galeria occidental.

No rez do chão, na ala sul, encontram-se diversas salas occupadas por objectos medievaes, de pedra: tumulos e lapides sepulchraes, variados fragmentos architectonicos, capiteis, arcadas, retabulos, brasões, etc. e interessantes exemplares de estatuaria. No mesmo pavimento e ala fica uma *sala Renascença,* que, pela sua riqueza e variedade, constitue a mais suggestiva documentação para a historia da brilhantissima vida artistica de Coimbra no seculo XVI.

Sobe-se ao primeiro andar pela escada que fica no angulo sudoeste do pateo.

No vestibulo notam-se, entre outros objectos, alguns pequenos mas bellos tapetes da Persia, uma mesa de marmore, que veiu do convento do Louriçal, e um busto de Bento XIV, offere-

cido pelo mesmo Pontifice á *Academia Lithurgica* de S. Cruz de Coimbra.

Sala I. Um grande tapete da Persia, do seculo XVI; dois tapetes de Arrayolos; uma arca indiana, de embutidos, que pertenceu á capella do Paço Episcopal; diversas esculpturas em madeira, entre as quaes se distingue, uma estatua de S. Clara (sec. XVI), cheia de caracter e sentimento.

Sala II. O curioso tecto mudegar d'esta sala foi para aqui trazido da Sé Velha.

Arrumados ás paredes, varios moveis antigos, e nas vitrines pequenas figuras e grupos de presepio, em barro cosido; um vaso tambem de barro, com a data 1558; tres pratos flamengos, de latão (sec. XV); esculpturas em marfim, etc.

Salas III e IV. Variadissima colleção de faianças, entre as quaes se vêem algumas peça de Brioso.

Sala V. — Mobiliario, instrumentos musicaes, pequenos cofres, crucifixos, etc.

Salas VI, VII e VIII. Numerosos exemplares de mobiliario, e de esculptura em madeira.

Sala IX. Moveis, quadros, leques e grandes livros de côro, com as encadernações chapeadas de bronze doirado.

Sala X. Pinturas e moveis.

Contigua ao vestibulo-norte, encontra-se uma sala azulejada que encerra os mais bellos quadros do museu. Merece especial menção o n.º 38, datado de 1531, os n.os 35 e 41 attribuidos a Christovam de Figueiredo, e ainda os n.os 12, 26, 28 e 30.

Ha ainda outras salas com moveis e quadros.

Asylo da Infancia Desvalida

Asylo da Infancia Desvalida (7 E). — Acha-se installada esta benemerita instituição de caridade no pequeno collegio de Santo Antonio da Pedreira. Pela modestia da sua construcção, não consegue prender a attenção

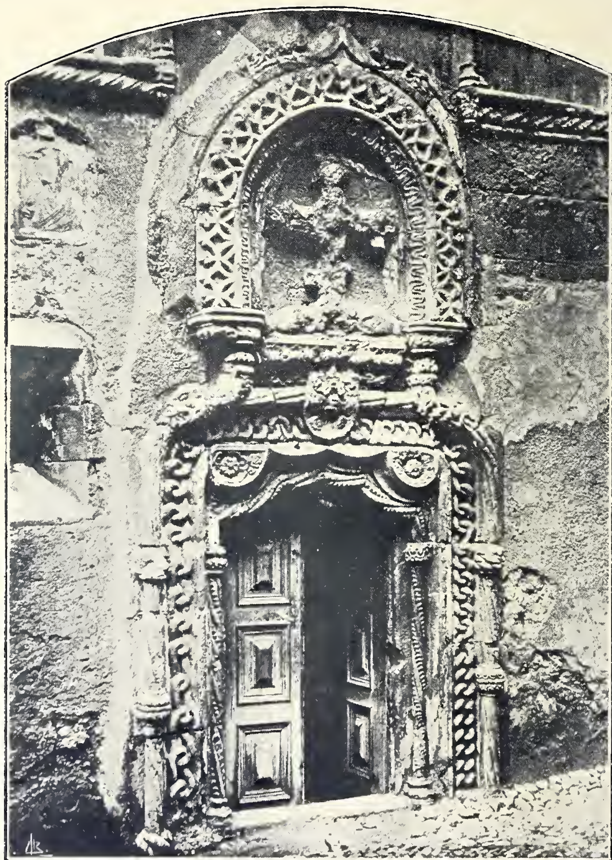
dos amadores de bellas-artes; mas pelos beneficios que presta é digno de todas as attenções e sympathias.

Collegio da Trindade

Collegio da Trindade (7 E). — A maior parte d'este vasto edificio, construido em 1562 por fr. Roque do Espirito Santo, está transformado em casas de moradia, e a sua bella egreja em deposito de moveis.

Arco de Almedina

Arco de Almedina (7 E). — Subindo da Calçada para o Quebra-Costas, encontra-se o Arco de Almedina, uma das portas da antiga fortificação da cidade.



Paço de Sub-Ripas. Porta principal.

O arco é de ogiva e n'elle se vê uma imagem da Virgem entre o brasão da cidade e as armas do reino. A imagem e os dois escudos foram ahi collocados no tempo de D. Manuel.

Por baixo d'essas esculpturas ha restos d'outro brasão da cidade.

Sobre o Arco fica a antiga casa da Camara, onde funciona desde 1878 a Escola livre das Artes do Desenho.

Paço de Sub-Ripas

Paço de Sub-Ripas (7 D). — Passando por este paço, que um mysterioso licenciado, João Vaz, mandou construir nos começos do seculo XVI, qualquer pichote em coisas d'arte não deixará de lhe dar o epitheto proprio — *manuelino*, o que não obstou todavia a que varios auctores o distinguissem com as honras

de ter sido o theatro do cruel assassinato de D. Maria Telles, perpetrado no seculo XIV.

Edificada sobre uma planta irregularissima, esta velha habitação attrae, de longe e de perto, todos os olhos educados, pela pitoresca agglomeração dos seus corpos, pela ornamentação da sua pequena porta principal e das suas janellas e pelos numerosos medalhões embebidos nas suas paredes exteriores.

A casa manuelina está ligada, por meio d'um arco, a outra de construcção mais recente, onde existe um pateo d'entrada do melhor effeito decorativo.

Santa Clara a Velha

Santa Clara a Velha (9 F). — A primeira fundadora do antigo mosteiro de Santa Clara foi uma D. Mór Dias, dona de Santa Cruz, que

tomára o habito, não para seguir a regra da ordem, mas para d'elle fazer baluarte da sua honestidade.

A primeira pedra do mosteiro clarista foi solemnemente lançada a 28 de abril de 1286 por D. João Martins de Soalhães, então vigario geral de Coimbra, e mais tarde bispo de Lisboa e arcebispo de Braga.

Na sua fundação, foi D. Mór coadjuvada desde o principio pela Rainha Santa Izabel.

Começadas as obras, não tardou que os conegos de Santa Cruz, vendo fugir a fortuna de D. Mór, com que até ahi tinham contado, movessem uma demanda e toda a casta de perseguições contra a piedosa e rica senhora, que falleceu em 1302, consumida de desgostos e principalmente pelo de não ver concluida a obra a que sacrificára todo o socego da sua vida e toda a sua grande fortuna.

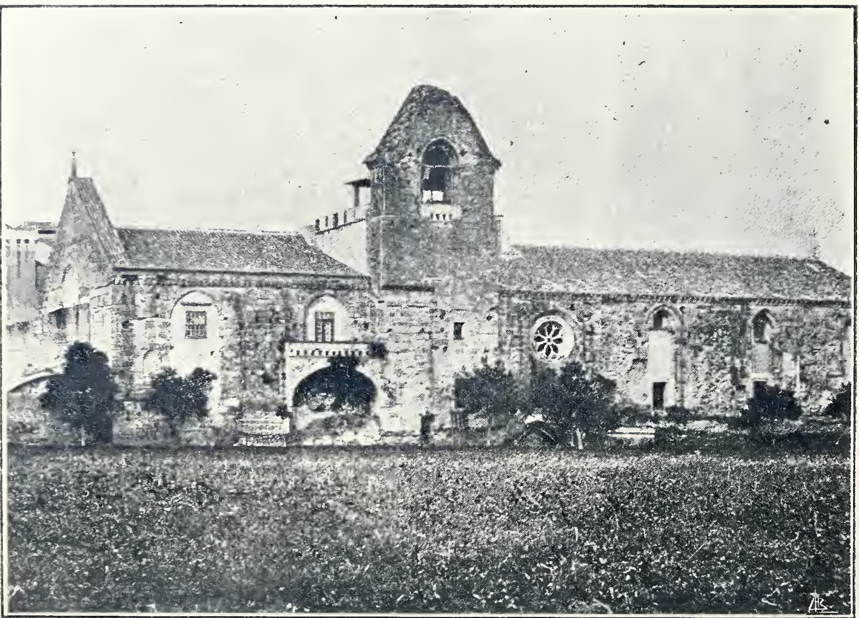
Por sua morte, taes artes empregaram os conegos que conseguiram apossar-se de parte dos bens que D. Mór legára ao novo mosteiro e desviar este do fim para que tinha sido edificado, entregando-o aos frades de S. Francisco

da Ponte cuja casa estava muito damnificada pelas cheias do Mondego.

Foi a Rainha Santa que, mais tarde, e após longas e complicadas questões, logrou satisfazer a ultima vontade de D. Mór, installando novamente no mosteiro as claristas expulsas e transformando e ampliando o edificio, mandando construir uma egreja nova e aproveitando a antiga para casa do capitulo.

Perto do mosteiro mandou tambem a Rainha Santa levantar uns paços reaes e um hospicio, não restando hoje d'este e d'aquelles o menor vestigio.

Brilhante é a chronica do mosteiro e d'ella poderão colher copiosa noticia os curiosos na *Historia Serafica* de Fr. Manuel da Esperança, e na documentadissima obra, *D. Izabel de Aragão*, do Dr. Antonio de Vasconcellos, illustre director e professor da faculdade de Letras na Universidade de Coimbra. Na sua egreja foi sepultada a Rainha Santa e depositado o cadaver de Ignez de Castro, que D. Pedro fez trasladar depois para Alcobaça, *sempre, por todo o caminho, por entre cirios accesos;* aqui



Santa Clara a Velha. Fachada septentrional.

chorou as suas desventuras a *excellente senhora* D. Joanna; aqui se realisou o casamento de D. Duarte, e aqui veiu orar, á partida para Alfarrobeira, o duque de Coimbra D. Pedro.

Com o rodar dos annos as alluviões do Mondego foram soterrando o mosteiro clarista a ponto que já no tempo de D. Manuel se pensou em transferir as religiosas para outra casa, o que veiu a succeder mais tarde, no tempo de D. João IV, a quem se deve a construcção do novo mosteiro edificado no alto do monte da Esperança.

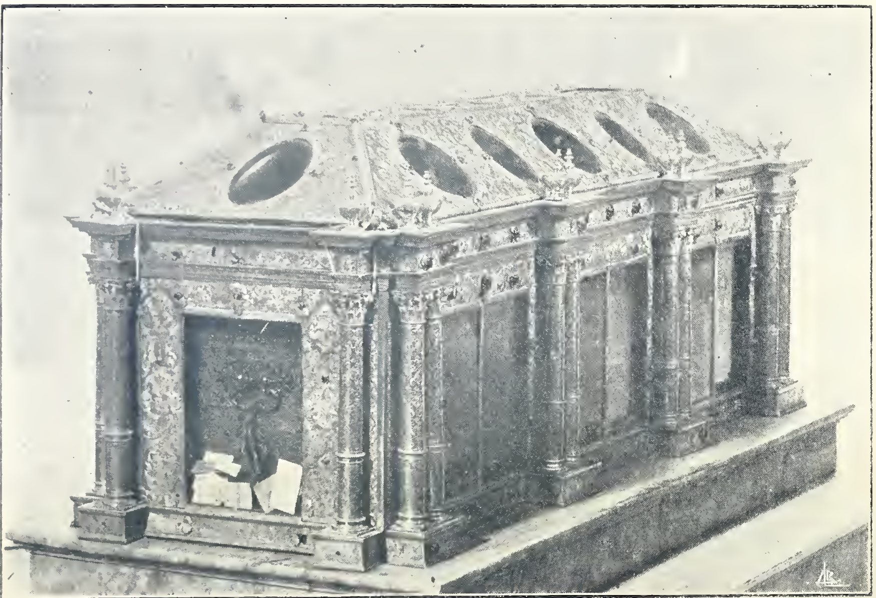
Do antigo edificio ogival só resta a egreja de tres naves, e essa mesma enterrada á profundidade de seis metros e cheia d'agua até ao extradorso da abobada de tijolo feita nos começos do seculo XVII.

Apezar do desleixo com que tem sido tratado, o que da velha construcção ainda surge acima dos terrenos circumdantes, bem pode dar uma folgada hora de prazer aos amadores e muitas aos entendidos.

Mosteiro de Santa Clara

Mosteiro de Santa Clara (9 E). — Como dissémos atraz, a construcção do novo mosteiro de Santa Clara deve-se a el-rei D. João IV, que encarregou Fr. João Turriano, engenheiro-mór do reino e lente de mathematica na Universidade de Coimbra, de traçar a planta respectiva.

A primeira pedra d'este sumptuoso edificio foi solemnemente lançada em 3 de julho de 1649 pelo reitor da Universidade, Manuel de Saldanha, e a 29 de outubro de 1677 eram para lá trasladados os restos mortaes da Rainha Santa, sendo o ataúde conduzido pelos bispos do Porto, Lamego, Viseu, Miranda, Targa e Pernambuco, e encorporando-se no brilhantissimo cortejo, além de varios representantes das congregações religiosas e de



Mosteiro de Santa Clara. Tumulo da Rainha Santa, de prata.

muita clerezia, algumas das mais notaveis personagens da côrte, como foram os marquezes de Arronches e das Minas, os condes da Feira, da Ponte, de Alvito, de Figueiró, de Soure e de Santa Cruz, o visconde de Villa Nova de Cerveira, etc.

O edificio é pesado e frio mas grandioso pela amplidão das suas proporções e pela robustez da sua construcção. Só o dormitorio principal, hoje transformado em caserna, tem perto de duzentos metros de comprimento e comporta oitenta cellas. O claustro, em criminoso e progressivo estado de ruina, inspira tambem uma forte impressão de sumptuosidade e grandeza.

A egreja condiz nas suas proporções com o resto do edificio, sendo bem illuminada.

No altar-mór, cujas paredes lateraes se acham revestidas com pinturas mediocres mas ainda assim interessantes pelo que nos dizem da indumentaria do seculo XVII, foi collocado ha annos o tumulo de prata da Rainha Santa, mandado fazer pelo Bispo-Conde D. Affonso de Castello-Branco. Esse tumulo esteve durante

muito tempo no *côro alto,* e continúa a ser objecto da mais fervorosa devoção.

O tumulo de pedra da Rainha Santa, por ella proprio mandado lavrar e onde esteve sepultada até á trasladação de 1677, é um interessantissimo exemplar da esculptura gothica e acha-se no *côro de baixo.*

Outros dois tumulos gothicos de pedra se vêem na egreja, aos lados da grade do mesmo côro de baixo: o da infanta D. Isabel, neta de D. Diniz, e aquelle em que, segundo se crê, jazem as cinzas de D. Maria, filha de D. Pedro I e de D. Constança, e mulher de D. Fernando, Marquez de Tortosa.

Nos altares lateraes, vistosos retabulos de madeira entalhada, ricamente *estofados.*

N'um d'esses altares está a *Rainha Santa,* de Teixeira Lopes, dádiva da Rainha D. Amelia. Esguia, d'uma esbeltez de seraphim humanado, como que irradiando todos os clarões da sua alma cheia de caridade e de ternura, no sorriso triste dos labios, na maguada caricia dos olhos, na graciosa modestia da attitude e na innocencia angelica das mãos que amparam as rosas

do milagre; esta figura da Rainha Santa, talhada n'um tronco d'arvore que antigas primaveras encheram de ninhos e canções, ouve, e ouvirá emquanto durar, as commovidas preces de quantos se lhe ajoelharem aos pés louvando o Senhor que nos deixa entrever o céo pela bondade dos santos e pelo genio dos artistas.

Convento de S. Francisco

Convento de S. Francisco (9 E). — Pertencia aos Franciscanos e a sua construcção começou em 1602.

Está actualmente convertido em fabrica de fiação e tecidos.

Quinta das Lagrimas

Quinta das Lagrimas (9 G). — Fica na margem esquerda do Mondego e pertence, desde o seculo XVIII, á illustre familia dos Osorios Cabraes, da Ratoeira.

É lá que se encontra sob altos cedros, a célebre *Fonte dos amores,* onde, segundo a lenda, foi assassinada Ignez de Castro. Nas manchas avermelhadas d'algumas pedras da nascente e nas vegetações esbranquiçadas e filamentosas que das mesmns pedras irrompem, vê o povo, respectivamente, nodoas do sangue e mechas dos cabellos loiros da *misera e mesquinha,* a quem os contemporaneos, surprehendidos com a sua belleza singular, chamavam *cóllo de garça.*

É porém ponto assente, que o assassinato não foi aqui perpetrado, mas sim nos paços reaes que ficavam contiguos a Santa Clara a Velha.

Quinta das Cannas

A *Quinta das Cannas,* tambem conhecida pelo nome de Lapa dos Esteios fica na margem esquerda do Mondego e é uma das mais lindas senão a mais linda propriedade de recreio nas cercanias de Coimbra.

Foi aqui que o grande Antonio Feliciano de Castilho celebrou a *Festa de Maio* de que tão orgulhosamente resam as chronicas do romantismo portuguez.

E agora, uma informação inédita. Esta quinta fazia parte d'uma capella instituida por Henrique de Sá, Conego da Sé de Coimbra e irmão do célebre Francisco de Sá de Miranda, capella que foi acrescentada com nove missas pelo filho do instituidor, Ambrosio de Sá, tambem conego da mesma Sé, o qual teve descendencia. N'esta se conservou a posse da

quinta até á ultima representante da familia, que foi D. Isabel Maria Pessoa de Sá.

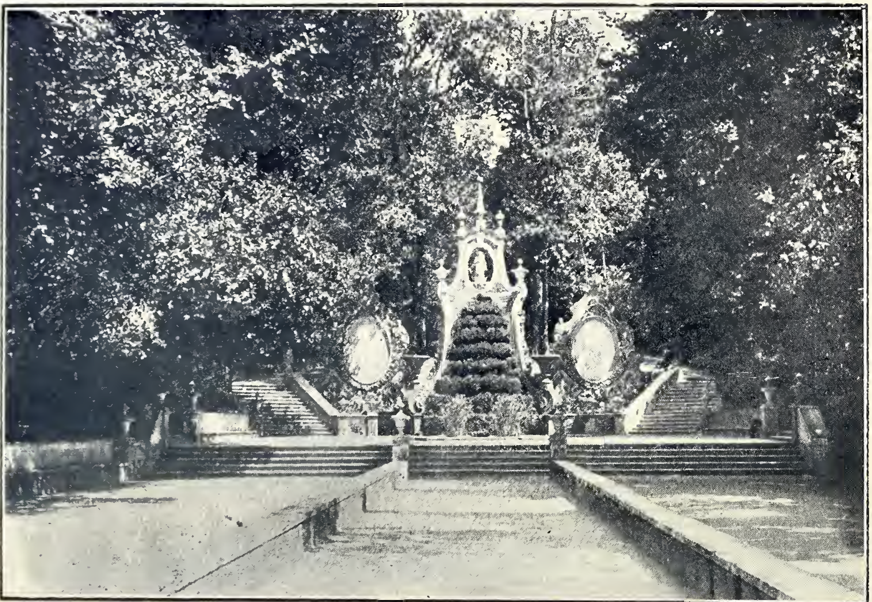
Fallecida esta senhora, foi a propriedade vendida ao dr. Manuel Henriques Sêcco Ferreira e a José Henriques Ferreira por dezeseis mil cruzados. A escriptura é de 2 de outubro de 1799.

Actualmente pertence a Quinta das Cannas á illustre sr.ª D. Carlota de Serpa Pinto, filha do fallecido visconde de Serpa Pinto.

Parque de Santa Cruz

Parque de Santa Cruz (5 F). — Faz parte da vasta quinta dos cruzios, que se estendia até Cellas.

Apezar do barbaro desbaste feito nos seus arvoredos, é ainda assim, pela sua vegetação, pela abundancia das suas aguas cantantes e



Parque de Santa Cruz. Jogo da bola.

pela benignidade das suas sombras, um amavel refugio em dias de sol ardente.

O *jogo da Bola*, que dá accesso ao parque, conserva o seu aspecto primitivo de cathedral silvestre, onde o arco entre os dois pavilhões da entrada figura de *portico da gloria*, onde a cascata do fundo é um sumptuoso altar-mór revestido pelo *damasco* verde das avencas, onde, entre os troncos das arvores lateraes, ha penumbras de capellas floridas, e onde os ramos dos loureiros cruzam no ar os artezões d'uma abobada que ficou por concluir.

O que faz pena é ver aos lados dos pavilhões da entrada, uma gradaria *arte-nova*, de banalissima invenção, absurdamente integrada n'essa construcção tão accentuadamente do seculo XVIII.

Collegio de S. Bento

Collegio de S. Bento (6 F). — No vasto collegio de S. Bento está hoje installado o Lyceu e algumas dependencias da Faculdade de Sciencias.

A egreja d'este collegio, que, votada ao mais criminoso desamparo, é, na opinião de todos os entendidos, um admiravel exemplar da architectura da Renascença nos principios do seculo XVII, e que como tal vem minuciosa e admirativamente descripta por Albrecht Haupt no seu livro *A Architectura da Renascença em Portugal,* não tardará a ser demolida, tal é o fervor com que certos amigos da cidade pretendem derrubá-la para fazerem uma sonhada avenida, onde os mestres d'obras poderão patentear novamente a inspirada phan-

tasia architectonica com que já embellezaram os modernos bairros de Santa Cruz, do Penedo da Saudade e da Estrada da Beira.

Jardim Botanico

Jardim Botanico (6 F). — É uma dependencia da Faculdade de Sciencias, e foi riscado e organisado sob a direcção do sabio botanico Felix de Avellar Brotero, cuja estatua, devida ao cinzel magistral de Soares dos Reis, ahi commemora os seus talentos e serviços. Representou-o o esculptor sentado n'uma cadeira da epocha e ostentando as insignias doutoraes. Tem o rosto pendente e uma expressão ao mesmo tempo bondosa e grave, parecendo ouvir deliciadamente a musica das seivas que trepam e a palpitação dos rebentos que morrem por se abrir, sequiosos de luz.

As portas monumentaes d'este jardim, a sua alta gradaria de ferro e bronze e os seus largos arruamentos dão-lhe um ar de faustosa nobreza e fazem d'elle o melhor passeio de Coimbra.

Sob o ponto de vista scientifico, encerra, quer ao ar livre quer nas suas estufas, muitos e preciosos exemplares botanicos.

No verão offerece este jardim aos encalmados o paraiso da sua *rua das tilias*, onde a frescura é permanente sob o sumptuoso e balsamico velario das folhas verdes.

Na cêrca contigua ao jardim ha varios recantos cheios de calma e pitoresco.

Aqueducto de S. Sebastião

Aqueducto de S. Sebastião (6 F). — Foi construido no reinado de D. Sebastião pelo engenheiro italiano Filippe Tersio.



Jardim Botanico. Rua das Tilias.

Tem 21 arcos, e no principal d'elles um alpendre com as imagens de S. Sebastião e de S. Roque.

Apezar da sua simplicidade architectonica, não deixa de ser agradavelmente decorativo.

Mosteiro de Sant'Anna

Mosteiro de Sant'Anna (5 F). — Hic Troja fuit... Já atraz nos referimos a este mosteiro construido nos primeiros annos do seculo XVII, por iniciativa do Bispo-Conde D. Affonso de Castello Branco, e recentemente transformado em quartel militar. Acha-se ahi installado o regimento de infantaria 23.

Consta que serão adaptadas a qualquer edificio da cidade as duas portas monumentaes do mosteiro demolido, que pela sua belleza bem merecem ser conservadas com amor.

Convento de Santa Thereza

Convento de Santa Thereza (5 G). — Pertencia ás Carmelitas Descalças e foi edificado, pelos meiados do seculo XVIII, no sitio antigamente chamado *Casal do Chantre,* perto do Penedo da Saudade.

Supprimido o convento em 1910 e expulsas as suas virtuosas habitantes, foi o edificio convertido em hospital militar. Na egreja tem funcionado o tribunal marcial.

Collegio das Ursulinas

Collegio das Ursulinas (6 G). — Entre o Jardim Botanico e o Seminario fica o collegio de S. José dos Marianos, edificado nos começos do seculo XVII.

Diz fr. Belchior de Santa Anna, citado por Augusto Mendes Simões de Castro no *Guia Historico do Viajante em Coimbra,* que o outeiro onde este collegio se levanta era chamado « commummente Genicoca, e dos estudantes monte Aureo, por estar muito coberto de bem-me-queres amarellos, que representavam uma lamina de oiro ».

Em 1848, veiu para esta casa, devoluta pela expulsão dos frades em 1834, a communidade do Real Collegio Ursulino de Pereira, que aqui continuou a sua admiravel missão educativa até á proclamação da Republica.

Seminario Episcopal

Seminario Episcopal (6 G). — Fundado nos meiados do seculo XVIII pelo Bispo-Conde D. Miguel da Annunciação, é um vastissimo e solido edificio em cuja construcção collabora-

ram os architectos italianos J. F. Jamozi e J. J. Azzolini.

A fachada principal com as suas airosas torres, com a ornamentação graciosa das suas janellas e com o seu segundo andar em *mezzanino* é original e tem grandeza.

No vão da porta principal admira-se uma bella grade de ferro e bronze fabricada em Bolonha.

A capella, ricamente revestida de marmores italianos, contém algumas esculpturas de valor, sobresahindo entre ellas as estatuas da Virgem e de S. José, executadas pelo napolitano Januario Vassallo.

Os *frescos* do tecto são de Paschoal Parente.

Possue o Seminario uma livraria valiosa.

No primeiro andar as duas varandas que olham para o sul, offerecem uma vista incomparavel sobre o Mondego.

Cemiterio da Conchada

Cemiterio da Conchada (6 B). — Vindo aqui ha annos, dizia o fallecido poeta inglez, L. Cranmer-Bing:

— A bondade dos filhos de Coimbra até n'este cemiterio se revella: piedosamente escolheram para os seus mortos o mais lindo, o mais assoalhado e o mais tranquillo sitio que existe nos suburbios da cidade.

São realmente encantadoras as vistas que de lá se disfructam, quer para os lados da cidade, quer para as bandas do Choupal, quer ainda para o vale de Coselhas.

Penedo da Saudade

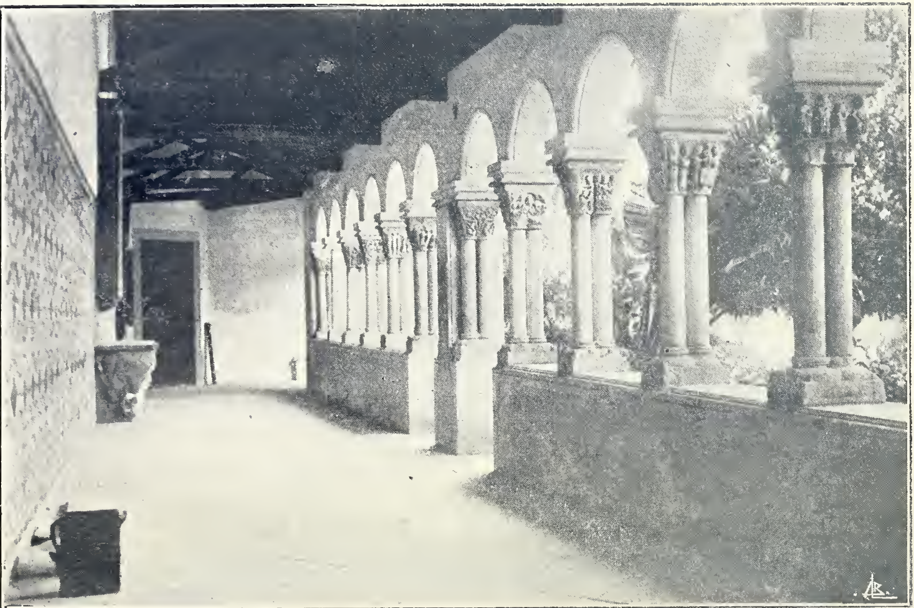
Penedo da Saudade (5 G). — Recentemente transformado em bairro novo, cuja delineação e

construcções muito deixam a desejar, o Penedo da Saudade, que foi um dos mais lindos sitios de Coimbra, ainda hoje conserva alguns restos dos seus velhos encantos.

A vista que de lá se disfructa, o seu extenso vale apertado por um amphitheatro de collinas cheias de olivedos e pinheiraes e a sua phantastica scenographia de serras distantes, não se apagam da memoria de quantos aqui passaram, ao mesmo tempo que excita a imaginação de quantos ouviram gabar esta paisagem, infelizmente prejudicada tambem pelas numerosas e incaracteristicas edificações que lhe tiraram quasi por completo o seu melancholico ar de recolhimento e solidão.

Mosteiro de Cellas

Mosteiro de Cellas (3 E). — Do antigo mosteiro de Cellas, fundado no logar do mesmo nome pela infanta D. Sancha, filha



Mosteiro de Cellas. Claustro.

d'el-rei D. Sancho I, restam apenas a egreja e suas dependencias, o claustro e o *dormitorio novo,* construcção do seculo XVII.

Na egreja, de planta circular, só ha a admirar a abobada de nervuras e um delicioso quadrinho em madeira, do seculo XVI, representando a *Annunciação.*

Na pequena sachristia prende a attenção dos entendidos um lindo retabulo em pedra, do mesmo seculo, com esculpturas em alto relevo.

Contiguo á egreja, está o côro, onde faz pena vêr o estado de irreparavel ruina a que chegou uma bella *Crucificação* em madeira.

No claustro, os dois lanços dos principios do seculo XIV constituem uma das mais brilhantes glorias artisticas de Coimbra. Um d'esses lanços, principalmente, bastante deteriorado mas completo, merece particular attenção, como rarissimo e interessantissimo exemplar que é da esculptura de transição do romanico para o gothico. N'este lanço as pequenas arcadas de volta inteira descançam sobre columnas geminadas, cujos maravilhosos capiteis estão cobertos de esculpturas que representam,

com a mais expressiva ingenuidade e com o mais delicado sentimento, varios passos da vida de Christo, da Virgem e d'alguns santos.

No *dormitorio novo* acha-se installado ha annos o *Asylo dos Cegos*.

Santo Antonio dos Olivaes

Santo Antonio dos Olivaes (1 F). — N'esta arejada e alegre povoação suburbana, havia um convento que primeiro foi habitado por franciscanos e depois por frades da Provincia da Piedade. A construcção primitiva, de que só resta uma porta ogival, era do seculo XIII.

Aqui residiu por algum tempo Santo Antonio, vendo-se hoje uma capella no sitio onde ficava a cella do popularissimo thaumaturgo.

O convento foi consumido por um incendio em 1851, salvando-se apenas a egreja e a

sachristia profusamente guarnecida de talha doirada. Dos terrassos contiguos á egreja e que deitam para dois pequenos cemiterios, descortinam-se largos horisontes, vendo-se d'um lado quasi todo o campo do Mondego até ao cabo do mesmo nome, d'outro o Bussaco, e finalmente d'outro as recortadas serras da Louzã e do Espinhal.

É aqui que todos os annos se realisa a concorrida romaria do Espirito Santo.

Penedo da Meditação

Penedo da Meditação. — É um ermosinho pitoresco, nas proximidades de Cellas, cheio de melancholia e silencio, e por isso muito favoravel a nomorados e suicidas.

O seu horisonte apertado e silvestre, ainda não conspurcado até agora pela telha de Mar-

selha, é um amoravel refrigerio para os olhos delicados que tão maguados aqui chegam de verem as lindas paisagens de Coimbra profanadas por uma praga crescente de indecorosas construcções.

Picôto dos Barbados

Picôto dos Barbados. — É uma povoação nova, para além de Santo Antonio dos Olivaes, na lomba do monte em cujo declive assentam os tres Tobins. Ligada a Coimbra por uma boa estrada, disfructa-se lá de cima um panorama vastissimo.

Perto do Picôto, fica o Valle de Cannas, ou Matta d'El-Rei, em cujas sombras é agradavel passar uma tarde de verão.

Monumentos commemorativos

N'esta especie de monumentos é Coimbra extremamente pobre.

No topo occidental da rua Larga *(6 E)* e a meio do largo que fica defronte do novo edificio da Faculdade de Letras, ergue-se um mesquinho e desgracioso padrão consagrado a Camões pelos estudantes de Coimbra. Foi erigido por ocasião do trincentenario da morte do grande poeta.

No largo Miguel Bombarda *(7 E)* vê-se a estatua de Joaquim Antonio de Aguiar. A figura, em bronze, do célebre estadista é obra do esculptor Costa Motta, natural d'esta cidade.

Passeios e excursões

Raro é o viajante que vem a Coimbra com o simples intuito de visitar a cidade e os seus afamados arredores, que não dê, de carro, a chamada *volta das corridas.*

Sae-se da cidade pela ponte que liga a Portagem, hoje largo Miguel Bombarda *(7 E)* com o bairro de Santa Clara. Chegando a esse bairro, corta-se á esquerda pela estrada da Varzea, onde ficam as quintas das Cannas e de S. Jorge, e segue-se a estrada até ao alto da Conraria. Ahi, a paisagem muda por completo. Em vez de se descer logo para Ceira, toma-se á direita, passa-se pela Urjariça, onde o editor d'esta *Guia* possue a linda *casa das Lapas* alcandorada sobre um surprehendente abysmo de magica, e de cujos terrassos se domina todo o fertil e risonho vale de

Ceira; passa-se tambem pela pequena mas interessante povoação de Castello Viegas, e, subindo sempre, chega-se ao Marco dos Pereiros, e finalmente ao alto de Santa Luzia, onde ninguem de bom gôsto deixará de dar por muito bem empregado o desvio feito no itinerario. Retrocede-se então descendo a Ceira e voltando a Coimbra pela ponte da Portella e Estrada da Beira. São variadissimos e sempre encantadores os aspectos que a natureza apresenta ao longo d'este passeio.

Penacova, a cinco leguas de Coimbra, merece bem uma visita, porque é uma das mais lindas villas de Portugal. Por muito que a tenha ouvido gabar, ninguem lá vae que não fique surprehendido com o seu aspecto de atrevida phantasia scenographica. A estrada que lá nos conduz, sempre á beira do Mondego, é uma contínua maravilha.

A *Louzã,* cujo accesso se tornou facilimo com a abertura d'uma linha ferrea, offerece aos seus visitantes bellos e variados trechos de paisagem, entre os quaes devemos particularisar o êrmo da Senhora da Piedade, e aos

artistas uma interessante serie de casas nobres do seculo XVIII e dos principios do seculo XIX.

Á esquerda da estrada que de Coimbra segue para a Figueira, e proximo da Zouparria e de S. Silvestre do Campo, fica a egreja e os restos do antigo convento de S. Marcos. Na egreja, além do retabulo da capella-mór, desfigurado ha annos pela mais barbara das pinturas, que transformou em chromolithographia reles de caixa de charutos um rico e delicadissimo trabalho de esculptura em pedra, da Renascença, ha dez sumptuosas sepulturas que constituem o pantheon da illustre familia dos Silvas, senhores Vagos. Para se visitar este edificio é indispensavel passar por S. Silvestre, onde mora o seu illustre proprietario, que amavel e promptamente costuma facultar as chaves da egreja a quantos se lhe dirigem solicitando-as.

Todos os visitantes de Coimbra devem aproveitar a sua estada aqui para irem com economia e facilidade ao Bussaco cuja fama dispensa qualquer elogio, á Figueira da Foz, notavel pela sua incomparavel bahia e a Montemór-o-

Velho que possue restos ainda muito consideraveis e interessantes do seu velho castello, e que nas suas egrejas apresenta muitos e bellos exemplares da esculptura da Renascença. É na egreja dos Anjos d'esta villa que está o notavel tumulo de Diogo de Azambuja.

Indice


GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00019 1474





